

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ROBSON JUBRICA DE CAMPOS

ADOLESCÊNCIA E IGREJA:
CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS TEOLÓGICA PROTAGONISTA,
RESILIENTE E IDENTITÁRIA

São Leopoldo

2020

ROBSON JUBRICA DE CAMPOS

ADOLESCÊNCIA E IGREJA:
CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS TEOLÓGICA PROTAGONISTA,
RESILIENTE E IDENTITÁRIA

Trabalho Final de Mestrado Profissional.
Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia. Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação Linha de
pesquisa: Dimensões do Cuidado e Práticas
Sociais.

Orientador: Dr. Júlio César Adam

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198a Campos, Robson Jubrica de
Adolescência e Igreja : caminhos para uma práxis
teológica protagonista, resiliente e identitária / Robson
Jubrica de Campos ; orientador Júlio César Adam. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2020.
89 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2020.

1. Adolescência. 2. Práxis teológica. 3. Identidade –
Resiliência. I. Adam, Júlio César, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ROBSON JUBRICA DE CAMPOS

ADOLESCÊNCIA E IGREJA:
CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS TEOLÓGICA PROTAGONISTA,
RESILIENTE E IDENTITÁRIA

Data de aprovação: 03 de abril de 2020.

Prof. Dr. Júlio César Adam (Faculdades EST)

Participação por webconferência

Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes (EST)

Participação por webconferência

Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva (UFPB)

Participação por webconferência

Dedico este trabalho a minha mãe, Antônia Jubrica de Campos, que sempre nos ensinou que a maior herança que podemos receber é a educação. Uma senhora que estudou até a 3ª série do ensino fundamental e que nunca deixou de ministrar ao meu coração que vale a pena dedicar tempo em aprender.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pelo amor oferecido a todos os homens. Por ter dado à humanidade a dádiva de ser protagonista.

À minha amada esposa Fabrícia Pereira Stein Jubrica, pelo apoio, carinho e compreensão. Por fortalecer meu coração nessa jornada tão preciosa em nossas vidas. Por sua parceira em nossas viagens para os estudos na EST e por todo tempo dedicado. Te amo.

À minha mãe, Antônia Jubrica de Campos, que sempre nos ensinou que a maior herança que podemos receber é a educação.

Aos meus irmãos: Jotha Campos e Sandro. As minhas irmãs: Silvana, Ana Rita, Elizia e Lizânia.

Ao meu orientador, Dr. Júlio César Adam. Obrigado pelo tempo e dedicação em orientar-me, pelas conversas, por nortear-me nessa jornada de pesquisa e aprendizado. Tenho muito a te agradecer meu amigo. Obrigado por exercer com excelência sua vocação.

À Igreja Evangélica Batista Ágape (Campo Grande – MS), à Primeira Igreja Batista de Brasilândia - MS e à Igreja Batista no Bairro Universitário (Campo Grande – MS), que possibilitaram a idealização e construção poimênica. Obrigado por me concederem tamanha graça. Muito obrigado.

Ao pastor Ernesto e Joelsa, pelo apoio e incentivo.

Aos professores da EST, por exercerem com amor a vocação do ensino.

Tudo pode ser salvo pelo sal, mesmo o elemento mais estragado; só não há esperança para o sal que perdeu o sabor. Esse é o outro lado da discussão. É o juízo ameaçador que paira sobre a Igreja dos discípulos. A Terra deve ser salva pela Igreja dos discípulos, mas a Igreja que deixa de ser o que é está irrecuperavelmente perdida. O chamado de Jesus é ser o sal da Terra ou ser destruído, é tornar-se discípulo ou ser destruído pelo próprio chamado. Não há outra possibilidade de salvação. Não pode haver.

(Dietrich Bonhoeffer)

RESUMO

O trabalho busca compreender a atual relação entre a igreja e os adolescentes. Percebe-se certa dificuldade nessa relação, tanto por parte dos adolescentes quanto por parte da igreja. Na questão dos adolescentes, vemos uma fase de transição que por vezes necessita de uma ajuda muito mais do que a própria sociedade compreende. Também uma adolescência que requer um protagonismo que não pode caminhar apenas como coadjuvante ou uma prestação de serviço. Sobre a igreja pesa uma teologia, por vezes, considerada adulta, e que dificulta a comunicação com os adolescentes. Para tanto, buscou-se identificar a relação entre protagonismo, resiliência e identidade, bem como a interface desses aspectos na relação adolescência e igreja. Dividimos essa pesquisa em três partes, sendo as duas primeiras dedicadas para a compreensão da relação entre adolescência e igreja. E, na terceira parte, uma possível práxis teológica que favoreça essa convivência. Essa práxis teológica protagonista, resiliente e identitária aponta para onde seja possível acolher aqueles que desejam entrar. Na igreja, os adolescentes podem ser acolhidos e aceitos em suas formas de pensar e agir, com suas diferenças e semelhanças, podendo desenvolver sua identidade e, com isso, serem protagonistas de suas vidas. Considera-se que uma teologia bem aprofundada contribui para compreender a manifestação do divino na experiência de vida do adolescente.

Palavras-chave: Adolescência. Igreja. Protagonismo. Resiliência. Identidade. Práxis teológica.

ABSTRACT

The work seeks to understand the current relationship between the church and adolescents. There is a certain difficulty in this relationship, both on the part of adolescents and on the part of the church. On the issue of adolescents, we see a transition phase that sometimes needs help far more than society itself understands. It is also an adolescence that requires a protagonism that cannot simply walk along as an adjunct or a provider of services. A theology, sometimes considered adult, weighs heavily on the church, which makes communication with teenagers difficult. To this end, we sought to identify the relationship between protagonism, resilience and identity, as well as the interface of these aspects in the relationship between adolescence and the church. We divided this research into three parts, the first two being dedicated to understanding the relationship between adolescence and the church. And, in the third part, a possible theological praxis that favors this coexistence. This protagonist, resilient and identity theological praxis points to where it is possible to welcome those who wish to enter. In the church, teenagers can be welcomed and accepted in their ways of thinking and acting, with their differences and similarities, being able to develop their identity and, thus, be protagonists of their lives. It is considered that a deeply [studied] theology contributes to understanding the manifestation of the divine in the adolescent's life experience.

Keywords: Adolescence. Church. Protagonism. Resilience. Identity. Theological praxis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ADOLESCÊNCIA, PROTAGONISMO, RESILIÊNCIA E IDENTIDADE	15
1.1 Introdução	15
1.2 Definição de adolescência	16
1.2.1 <i>Adolescência na perspectiva de Freud e Erikson</i>	19
1.2.2 <i>Panorama histórico da adolescência</i>	21
1.3 Protagonismo na Adolescência	23
1.3.1 <i>Protagonismo juvenil e a sociedade</i>	23
1.4 Resiliência na adolescência	25
1.4.1 <i>Resiliência e fé</i>	26
1.5 Identidade na adolescência	27
1.5.1 <i>Identidade participativa</i>	29
2 A IGREJA, O ARCHIPOIMEN E A PERSPECTIVA BÍBLICO-TEOLÓGICA DO PROTAGONISMO, IDENTIDADE E RESILIÊNCIA	31
2.1 Introdução	31
2.2 A Igreja	31
2.3 A Igreja e a eclesiologia	32
2.3.1 <i>O início do desenvolvimento da eclesiologia</i>	33
2.3.2 <i>A Igreja na perspectiva teológica de Agostinho de Hipona e Martinho Lutero</i>	35
2.4 A Igreja como Corpo de Cristo	39
2.4.1 <i>A Igreja e a sua construção institucional enquanto Corpo de Cristo</i>	41
2.5 A Igreja e o archipoimen	43
2.5.1 <i>Archipoimen e a práxis teológica</i>	44
2.6 O protagonismo na perspectiva bíblico-teológica	47
2.6.1 <i>A Igreja e a perspectiva bíblica do protagonismo</i>	48
2.7 A identidade na perspectiva bíblico-teológica	50
2.7.1 <i>A Igreja e a perspectiva bíblica da identidade</i>	51
2.8 A resiliência na perspectiva bíblico-teológica	52
2.8.1 <i>A Igreja e a perspectiva bíblica da resiliência</i>	54
3 CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS TEOLÓGICA PROTAGONISTA, RESILIENTE E IDENTITÁRIA	57

3.1 Introdução	57
3.2 Teologia Prática.....	58
3.2.1 <i>Teologia Prática como modelo hermenêutico para práxis teológica</i>	<i>59</i>
3.3 A práxis teológica e a missio Dei	60
3.4 A práxis teológica e a Igreja	61
3.5 A práxis teológica e a juventude	63
3.5.1 <i>A práxis teológica, a Igreja e a juventude.....</i>	<i>66</i>
3.5.2 <i>A práxis teológica e a relação Igreja e juventude</i>	<i>69</i>
3.6 Subsídios para uma práxis teológica protagonista, resiliente e identitária	70
3.7 A práxis teológica e o sentido de pertencimento da juventude na igreja	74
3.7.1 <i>Bonhoeffer e o sentido de pertencimento da juventude na igreja.....</i>	<i>75</i>
3.7.2 <i>Bauman e o sentido de pertencimento da juventude na igreja.....</i>	<i>76</i>
3.7.3 <i>Erikson e o sentido de pertencimento da juventude na igreja</i>	<i>78</i>
CONCLUSÃO.....	81
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

Nesse estudo, procuramos analisar a relação entre os adolescentes e a igreja. Para tanto, essa investigação pretende observar temas como o protagonismo juvenil, a formação da identidade do adolescente e a resiliência como base nessa relação de cuidado e pertença da juventude na igreja.

Essa investigação dá seguimento à pesquisa anterior da pós-graduação *lato sensu* realizada pelo autor, na qual investigou-se o assunto da adolescência, da mentoria espiritual, do protagonismo e da resiliência e comunidade eclesial como espaço para o exercício do protagonismo, cujo título foi *Mentoria entre adolescentes: exercício do protagonismo juvenil*.

Tais pesquisas afloraram o anseio de um aprofundamento sobre o tema, buscando identificar a relação entre protagonismo, resiliência e identidade, bem como a interface desses aspectos na relação adolescência e igreja.

Acreditamos que o exercício do protagonismo está atrelado à formação da identidade e resiliência na adolescência, tendo como um possível alicerce para sua concretização o relacionamento da juventude com o espaço de convivência da igreja. Analisaremos as possibilidades de convivência e relacionamento na comunidade eclesial e sua correlação.

Dividimos essa pesquisa em três partes, sendo as duas primeiras dedicadas para a compreensão das nuances e especificidades de cada lado da relação entre adolescência e igreja. Na terceira parte, focaremos numa possível práxis teológica que favoreça essa convivência.

No primeiro capítulo, buscaremos conhecer a adolescência e suas definições, com o intuito de entender como a adolescência é percebida e vivida nos dias atuais. Analisaremos também a adolescência na perspectiva de Freud e Erikson, sendo que o primeiro traz luz sobre o desenvolvimento psicosssexual que ocorre na fase quando o ser humano está adolescendo e o que esse processo causa na vida desse indivíduo.

Abordaremos a fase do adolescer como um conflito entre o papel social e a identidade. É de Erikson a famosa teoria sobre a crise de identidade, crise essa que permeia toda a transição da infância à fase adulta. Também traçaremos um breve

panorama histórico da adolescência, para que tenhamos em mente como ele se desenvolveu. De acordo com Mendonça, “a adolescência é uma invenção social que teve lugar a partir do século XVIII”,¹ no bojo da Revolução Industrial, permeada pela escolarização e o nascimento da burguesia.

Por meio da investigação feita, observamos que o protagonismo, resiliência e identidade se correlacionam no que tange à adolescência e, nesse capítulo, conceituaremos esses três aspectos apresentados, assim como sua interface com a adolescência e sua relação com a fé e a espiritualidade.

Avaliamos a relação protagonismo, resiliência e identidade na adolescência como fator de construção do ser humano. Analisando o protagonismo dentro de uma visão sistêmica e não linear, segundo a qual ele é causa e efeito ao mesmo tempo, dialeticamente numa forma circular do ser humano. Considerando que a identidade interage com o exercício do protagonismo e o exercício do protagonismo faz parte da formação da identidade e ambos atuam na resiliência e por ela são influenciados.

No segundo capítulo, discorreremos sobre a igreja no aspecto teológico, analisando o desenvolvimento histórico da eclesiologia e os seus desdobramentos a partir dos escritos dos teólogos Alister McGrath e Lothar Hoch. Analisando a construção histórica da igreja enquanto Corpo de Cristo, observamos que para Paulo há uma organicidade da igreja, da comunidade, como um corpo, estando Cristo integrado no corpo, dando identidade ao corpo, com seus muitos e diversos membros (1Co 12). Já nas cartas pastorais, posteriores, Cristo vai sendo pensado como a cabeça do corpo. Ou seja, conforme a igreja do Novo Testamento se institucionaliza, ela vai se hierarquizando, Cristo vai sendo visto com uma parte destacada do corpo, a cabeça. Lothar Hoch explana:

Olhando bem, observa-se, contudo, que a figura do Corpo de Cristo já sofre uma pequena alteração. O v. 15 exorta a comunidade para que cresça em direção a Cristo, a cabeça. É verdade que, como cabeça, Cristo faz parte do corpo, mas, a rigor, a imagem do corpo propriamente dito fica reservada à

¹ MENDONÇA, Rita de Cássia Araújo. *Protagonismo Juvenil: um estudo da participação social dos adolescentes nos Programas de Saúde Sexual e Reprodutiva em Natal/RN*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. p. 23.

comunidade. Cabeça e corpo, ainda que constituam uma unidade, são duas grandezas distintas.²

Empregando os teólogos Agostinho e Lutero como base teórica, avaliaremos o que é a igreja nas perspectivas desses dois teóricos, sendo que, com o primeiro nos ateremos à igreja enquanto comunidade de fé, e com o segundo, focaremos em entender o que faz uma comunidade ser realmente uma igreja e não apenas um aglomerado de pessoas.

Abordando a igreja não somente no âmbito da eclesiologia, mas também aprofundaremos o debate olhando a igreja na perspectiva cristológica e prática, em especial ao pesquisarmos sobre o *archipoimen* e a igreja. Observaremos uma práxis teológica que tenha como fundamento o princípio do *archipoimen*. Também verificamos a interface entre a igreja e o protagonismo, a resiliência e a identidade numa perspectiva bíblico-teológica.

Após isso, discorreremos no terceiro capítulo sobre a igreja e os aspectos teológicos, bem como as influências que esses aspectos trazem sobre a forma da igreja ser e se relacionar com a sociedade, refletiremos a respeito de uma práxis teológica que facilite a igreja a proporcionar o protagonismo aos adolescentes, tendo a práxis teológica como sua base hermenêutica a teologia prática, norteando as suas ações. Lothar Hoch diz que “cabe à Teologia Prática alertar para a necessidade de recuperar para os dias de hoje o equilíbrio entre a dimensão vertical-subjetiva e a dimensão horizontal-racional do fazer teológico”.³ Uma práxis que leve a igreja a cumprir a *missio Dei*.

Tendo como base o teólogo Hilário Dick e a teóloga Susana Rocca, analisamos a relação da igreja com os adolescentes orientada por uma práxis teológica que favoreça essa relação. Apontando para essa necessidade teológica, Dick afirma que o jovem é uma realidade teológica que precisamos aprender a ler e a desvelar.⁴ Rocca, a partir dos sete pilares da resiliência, fornece subsídios para a elaboração de uma práxis teológica protagonista, resiliente e identitária, assim como salienta a importância do pertencimento na formação dessa práxis teológica.

² HOCH, Lothar C. *O Ministério dos leigos: genealogia de um atrofiamiento*. Uma contribuição para o debate atual sobre a formação teológica na IECLB, 1990. p. 4.

³ HOCH Lothar C. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 69

⁴ DICK, Hilário. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. Porto Alegre: IPJ, 2004. p. 15.

Segundo Rocca e os teóricos Bonhoeffer, Bauman e Erikson, analisaremos esse sentido de pertencimento da juventude na igreja.

Nessa pesquisa, conversaremos a respeito da relação dos adolescentes com a igreja, observando o que tem ocorrido no cenário eclesial atual a respeito dessa relação. Verificaremos como a igreja tem olhado para esse relacionamento por meio de estatísticas e pesquisas realizadas por teóricos nessa temática.

E, nesse ponto, vale indagarmos de quem é a responsabilidade da busca por uma melhora nessa relação. Conjeturemos que precisa partir da igreja e sem esperar por uma ação, ou sujeição irracional dos adolescentes. Embora seja certo pensar que em algum momento a atuação do adolescente para a desenvolvimento da relação será requerida, mas de início, assim como numa relação entre um adulto e um filho adolescente, espera-se que o adulto dê o primeiro passo para a melhora dessa convivência.

Em uma comparação entre lar e igreja, indagamos como é possível esse estranhamento e até afastamento que ocorre dos adolescentes com a igreja. Será que a igreja não é mais um lar para eles? Ou pior, será que algum dia a igreja foi esse lar? Caso a igreja ainda seja esse lar, devemos acrescentar outra pergunta, como fazer alguém se sentir bem na sua própria casa? Pergunta difícil de responder, pois se a casa é da pessoa, como ela não se sente bem dentro dela? Certamente uma possível resposta fará indagações sobre as interferências ou abusos que essa pessoa possa sofrer dentro do seu lar.

Desde uma perspectiva bíblica, vários textos poderiam ser mencionados na introdução dessa pesquisa. Poderíamos falar sobre a importância das ovelhas serem obedientes aos seus líderes. Ou, seguindo a analogia feita sobre o lar, citar o texto bíblico sobre honrar os pais, mas não. Não serão esses textos que utilizaremos como introdução.

Utilizando a analogia do lar, empregaremos o texto bíblico que diz “pais não irrite os vossos filhos para que eles não desanimem” (Cl 3.21). Parece que temos filhos desanimados em nossa casa, mas não nos damos ao trabalho de indagarmos o porquê desse desânimo. As escrituras nos sugerem um caminho no qual devemos investigar as causas para o desânimo dos nossos adolescentes em relação à igreja e à própria vida.

Almejamos que essa pesquisa ajude a entender a complexidade que possa existir nessa relação e a como construir caminhos para uma práxis teológica protagonista, resiliente e identitária, que harmonize esse relacionamento.

1 ADOLESCÊNCIA, PROTAGONISMO, RESILIÊNCIA E IDENTIDADE

1.1 Introdução

Nesse primeiro capítulo, falaremos a respeito dos conceitos de adolescência, protagonismo, resiliência e identidade, situando a pesquisa sobre a correlação entre os temas. Consideraremos, também, essa relação na perspectiva da fé, salientando o efeito existente na vida do indivíduo que a vivencia.

A adolescência, fase de transição entre a fase infantil e a fase adulta, leva o ser humano a uma brutal mudança fisiológica, psicológica e social. Nessa transição, percebemos o papel que o protagonismo exerce e precisa exercer na vida do adolescente, levando-nos a dedicar parte do capítulo sobre a relação entre protagonismo e adolescência.

Nesse mesmo aspecto, encontramos a resiliência que a cada dia tem tomado um espaço importantíssimo nos estudos sobre adolescência. Torna-se quase inconsistente falar de adolescência sem falar de resiliência. Assim, salientaremos a maneira como esses dois termos estão entrelaçados e como a pesquisa desses dois temas em conjunto pode contribuir para uma melhor percepção sobre o adolescente.

Abordaremos a identidade como processo resultante dessa transição, nota-se o conflito existencial que a construção dessa identidade gera no indivíduo que vivencia o processo de adolecer. Dick, em seu livro *O divino no jovem*, faz o seguinte comentário sobre a adolescência de Jesus:

O que o evangelista Lucas quer dizer — falando da adolescência de Jesus — quando afirma que "a graça de Deus estava com Ele"? (Lc 2.52) É que Ele ia, simplesmente, descobrindo e aprendendo a viver a vida humana como qualquer outra pessoa, envolvida pela gratuidade divina dentro e fora dele.⁵

Dick evidencia a adolescência como um momento de descobertas e aprendizado sobre a vida humana e, ao destacar esse momento, tendo como exemplo o próprio Jesus Cristo, coloca o processo de fazer descobertas e aprendizado como um processo que enriquece a vida humana e que o próprio

⁵ DICK, 2004, p. 14.

Verbo, ao se encarnar, passou por ele. Com isso, afirma que, independentemente de quem quer que seja, a pessoa passará por um processo de descobertas e aprendizado durante a adolescência.

1.2 Definição de adolescência

Com a finalidade de estabelecermos um ponto de partida para a compreensão do que é adolescência, utilizaremos a definição proposta pelo teólogo e educador Marcos Tuler, que define adolescência como:

Meninice, primeira juventude. Período da vida entre a puberdade e a virilidade (no caso dos meninos). Situa-se aproximadamente entre os 12 a 20 anos. Esta é a época de grandes mudanças físicas e mentais: crescimento acelerado, desarranjos da pele, consciência do corpo e sexo e muitas outras transformações. É um período de transição em que há uma ligação estreita com a infância, aliada ao ímpeto de aspiração de ser adulto. Essa mistura infante-adulto acaba por gerar uma série de conflitos emocionais, na maioria devido às fortes alterações biológicas, psicológicas e sociais.⁶

Na definição apresentada por Marcos Tuler, encontramos um indivíduo que está numa fase marcada por mudanças biológicas, vivência da puberdade, e que a transição dessa fase culminará na sua fase adulta. Um período marcado por vários conflitos emocionais, e fortes alterações biológicas, psicológicas e sociais.

Kusnetzoff comenta que “a puberdade é um ato da natureza, a adolescência é um ato do homem”,⁷ mostrando que a puberdade tem seu aspecto natural, mas a adolescência não está internalizada de forma natural no ser humano que passa por essa transição.

Na esfera jurídica, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, que regulamentou o Art. 227 da Constituição Federal de 1988, define a adolescência da seguinte maneira: “Art. 2º Considera-se criança, para efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade”.⁸

⁶ TULER, Marcos. *Dicionário de Educação Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 16.

⁷ KUSNETZOFF, Juan C. *Psicoterapia breve na adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 3.

⁸ BRASIL. Ministério da Saúde. *Marco legal: saúde: um direito de adolescentes*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. p. 7.

Nota-se que, nessa compreensão, a adolescência está assinalada por um período de tempo, pela idade que essa pessoa possui: ao completar 12 anos, ela entra na adolescência e, ao completar dezoito, sai dessa fase. Aqui os aspectos biossociais são desconsiderados, sendo que a preocupação em determinar a idade de início e fim serve apenas aos interesses jurídicos e legais dentro da relação indivíduo-Estado que essa passará a ter.

Carlos Leal Vieira, escritor da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, em seu livro *Problemas gerais da adolescência*, apresenta essa definição:

Adolescência é um substantivo do latim, do verbo *adolescere*, ou seja, crescer. Cronologicamente, dizemos que é a fase entre os doze e os vinte anos de idade. Qualquer criança que esteja nesta faixa etária é chamada de adolescente. Algumas deixam de ser adolescentes antes do vinte anos, outras os ultrapassam, como temos crianças que ingressam na adolescência mais cedo, e outras mais tarde. Varia muito. Não podemos fixar limite preciso e afirmar que no dia que o menino completa doze anos entra na adolescência. Não. Essa faixa de idade, doze aos vinte anos, não está diretamente vinculada ao desenvolvimento físico. Muitos julgam que a adolescência está subordinada ao desenvolvimento glandular, ao aparecimento dos primeiros sinais de sexualidade. Adolescência não se define exclusivamente em termos biológicos. Sua conceituação é, acima de tudo, emocional, vivencial. A adolescência se inicia quando a criança já possui um acervo de experiências e vivências que a tornam bem distinta da infante.⁹

Em sua abordagem psicossocial, ele apresenta dados interessantes para nossa análise. O primeiro dado é que esse tempo cronológico que chamamos de idade pode ir dos doze aos vinte anos; porém, ele salienta que em alguns casos a pessoa pode sair antes dessa fase da vida, assim como pode ficar um tempo a mais do que esses vinte anos, dando-nos a entender que a adolescência não é uma fase determinada por um tempo cronológico e que levar em consideração apenas a idade da pessoa nos levará a cometer certos deslizes em uma análise mais apurada sobre esse período do ciclo de desenvolvimento humano.

O segundo aspecto apresentado por Vieira é que a adolescência não se define apenas em questões biológicas. Segundo ele, para muitos, a adolescência está subordinada ao “desenvolvimento glandular, ao aparecimento dos primeiros sinais de sexualidade”. Tal pensamento ainda é limitado, pois ignora outro fator que

⁹ VIEIRA, Carlos L. *Problemas gerais da adolescência*. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p. 4.

é de suma importância para a compreensão da adolescência, fator esse chamado por ele de “acervo de experiência”.

O terceiro elemento apontado por Vieira, utilizado como parâmetro para uma análise sobre a adolescência, é que “a adolescência se inicia quando a criança já possui um acervo de experiências e vivências que a tornam bem distinta da infante”. Aqui o que conta não é a idade ou os aspectos biológicos e sim os aspectos emocionais, sociais, espirituais e toda gama de vivências e experiência que farão parte desse acervo psíquico do adolescente. Essa forma de elaborar a transição de criança para a fase adulta se concentra no indivíduo e não apenas na idade ou na puberdade.

Em uma reflexão sobre a transição que o ser humano vivencia entre a infância e a vida adulta, a psicóloga Lara Suckow Barbosa afirma:

Adolescência, tempo vivido por todas as pessoas que se tornaram adultas. Uma passagem muito especial na vida de todos nós. Os que já passaram têm as marcas de sua influência, e os que estão passando, sentem a intensidade das mudanças que o processo lhes impõe.¹⁰

Essa transição deixa marcas na vida de cada um que a passa, e todos os adultos tiveram que passar por ela. É uma transição que influenciará toda nossa vida adulta, desde as nossas escolhas profissionais como os aspectos psicossociais, cognitivos e espirituais.

Campbell chama nossa atenção para o aspecto emocional dos adolescentes. Segundo ele, os adolescentes são crianças em transição e, com isso, até suas emoções também são infantis e imaturas em determinados momentos: “considerar que alguém é adulto só porque atingiu a maioridade penal tornou-se um erro comum em nossa sociedade que não acompanha o adolescente no seu desenvolvimento da emoção durante sua travessia da infância para vida adulta”.¹¹

¹⁰ BARBOSA, Lara Suckow. *Adolescente: eu já fui, meu filho é... por que somos tão diferentes?* Curitiba: Encontro, 2008. p. 14.

¹¹ CAMPBELL, Ross. *Como realmente amar seu filho adolescente*. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 13.

1.2.1 Adolescência na perspectiva de Freud e Erikson

Selecionamos aqui dois teóricos, Freud e Erikson, que podem nos ajudar a compreender a experiência de vida a que o sujeito é submetido ao passar pela adolescência. Sigmund Schlomo Freud, pai da psicanálise, nascido em Freiberg no ano de 1856, era médico neurologista. Sobre sua teoria, podemos afirmar:

De forma resumida, a teoria sobre a formação da personalidade do indivíduo, para Freud, é alicerçada nas pulsões ou instintos básicos, primitivos do ser humano, colocando a psicosexualidade como fator influenciador e determinante. O desenvolvimento psicosexual ocorre em etapas, de acordo com a área na qual o libido está mais concentrada. A ação do corpo no próprio adolescente, que para Freud é a puberdade, envolve a aceitação do corpo e assimilações das complexas mudanças corporais e psíquicas que o mesmo passa.¹²

A análise de Freud é focada no desenvolvimento psicosexual do indivíduo, observando os conflitos existenciais que “envolve a aceitação do corpo e assimilações das complexas mudanças corporais e psíquicas” que o adolescente passa. Essa percepção nos ajuda a compreender que a adolescência passa por conflitos existenciais oriundos da puberdade, indicando que essa mudança biológica interfere diretamente no desenvolvimento psíquico do adolescente.

Erik Homburger Erikson era psiquiatra, nascido em 1902, em Frankfurt. Ainda sobre ele podemos dizer que:

foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial na Psicologia e um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento. Tem grande relevância para as teorias referentes à adolescência. Segundo ele, a adolescência tem como marca registrada a busca do indivíduo por sua identidade.¹³

Ao escrever sua teoria sobre *As oito idades do homem*, Erikson localiza a adolescência no estágio que ele chama de “Identidade versus Confusão de Papel”:

Com o estabelecimento de uma boa relação inicial com o mundo das habilidades e das ferramentas e com o advento da puberdade, a infância propriamente dita acaba. A juventude começa, mas na puberdade e na adolescência todas as uniformidades e continuidades em que se confiava anteriormente voltam a ser até certo ponto discutíveis, por causa de uma rapidez do crescimento do corpo comparável à primeira fase da infância e

¹² ROSA, Merval. *Psicologia evolutiva: problemática do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 105-117.

¹³ MUUSS, Rolf E. *Teorias da adolescência*. Belo Horizonte: Do Professor, 1966. p. 43-50.

da nova adição de maturidade genital. Crescendo e desenvolvendo-se, os jovens arrostam essa revolução fisiológica interior e, com as concretas tarefas adultas à sua frente, preocupam-se agora principalmente com o que aparentam aos olhos dos outros comparado com o que sentem que são, e com a questão de como associar os papéis e as habilidades cultivadas com os protótipos ocupacionais do momento. Em sua busca por um novo sentido de continuidade e coerência, os adolescentes têm que voltar a travar muitas das batalhas dos anos anteriores, mesmo que para isso devam designar artificialmente pessoas inteiramente bem intencionadas para representar os papéis de adversários; e estão sempre dispostos a instituir ídolos e ideais duradouros como guardiães de uma identidade final.¹⁴

Erikson trouxe luz aos estudos sobre a adolescência com uma das suas expressões mais conhecidas, “a crise de identidade”. Essa crise é fruto da busca por uma identidade. Algo que aponte para o adolescente quem ele é, qual seu propósito de vida. E muitos sofrem nesse percurso, levando-os a ter uma crise existencial:¹⁵ um período de mudança emocional que abala toda psiquê humana.

Tanto Erikson quanto Freud desenvolveram suas teorias dividindo as fases do ciclo humano em etapas. Na tabela abaixo, podemos observar o lugar da adolescência na fase de transição humana:

Erikson	Freud
Confiança X desconfiança	Sensório-oral
Autonomia X vergonha e dúvida	Muscular anal
Iniciativa X culpa	Genital-locomotora
Diligência X inferioridade	Latência
Identidade X difusão de papéis	Puberdade
Intimidade X isolamento	Início da fase adulta
Generatividade X estagnação	Fase adulta
Integridade do ego X desgosto	Maturidade

Erikson, numa abordagem psicossocial, coloca a adolescência na fase do conflito entre “Identidade X difusão de papéis” e Freud em sua abordagem psicosssexual na puberdade, ou seja, a adolescência é marcada por conflitos de identidade, de papéis sociais e crise existencial, com conflitos na aceitação do seu novo corpo, assimilações das complexas mudanças bioquímicas e psíquicas por que

¹⁴ ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro. Zahar, 1971. p. 240.

¹⁵ ROSA, 1983, p. 129-136.

passa. Conflitos esses que a torna vulnerável durante todo seu processo de transição.

1.2.2 Panorama histórico da adolescência

Luciana Campolina comenta que, “considerando a construção social e histórica do conceito de adolescência, podemos dizer que a adolescência é fruto de um enigma relativo à passagem da infância para a vida adulta na sociedade ocidental moderna”.¹⁶

A adolescência, como uma fase da vida no ciclo humano, é um fenômeno novo em nossa sociedade. Até a metade do século passado, não havia um período de transição entre a vida infantil e a vida adulta.¹⁷ O indivíduo era uma criança ou um adulto. De certa forma, é um avanço para nossa sociedade a percepção dessa necessidade em pontuar que existe um período necessário para toda criança vir a ser um adulto.

Patrick Delaroche nos proporciona um olhar na história da adolescência, no qual, por um grande período de tempo, a adolescência fora substituída pelos ritos de passagem. Ele comenta:

A questão que se coloca é saber o que existia antes desse período: adolescência desconhecida ou ausência de adolescência? Certamente, desde a Antiguidade sempre houve uma juventude e um problema de juventude. Mas parece que os gregos, por exemplo, limitavam o problema da passagem pubertária por meio do recrutamento militar (a efebia??), ao passo que entre as meninas os ritos matrimoniais faziam as vezes de ritos de passagem. Da mesma maneira, entre os romanos, o início da idade adulta é marcado pelo dia da tomada da toga viril, aos 17 anos, e por uma peregrinação ao Capitólio. Mas também, e principalmente, existiam em Roma, na época imperial, grupos de jovens que tinham todas as características de verdadeiras formações políticas (apoiando, por exemplo, um candidato à magistratura suprema). Assim, parece que a *organização social* dos adolescentes e os *ritos* resolveram para essas sociedades o que chamamos de “(problema da) adolescência”. É clássico dizer que, nas sociedades primitivas, a adolescência não existia, porque fora substituída pelos ritos de iniciação.¹⁸

¹⁶ CAMPOLINA, Luciana de Oliveira. *Tornar-se adolescente: a participação da escola na construção da transição da infância para a adolescência*. 2007. 189 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

¹⁷ BRASIL, 2005, p. 7.

¹⁸ DELAROCHE, Patrick. *Psicanálise do adolescente*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 2.

Na tentativa de apontarmos uma data mais precisa para o surgimento da adolescência como um fenômeno social, a socióloga Rita de Cássia Mendonça esclarece:

A adolescência é uma invenção social que teve lugar a partir do século XVIII, em que o sentimento de infância surgiu com o fenômeno da escolarização e o aparecimento da burguesia, sendo a adolescência gerada no bojo da Revolução Industrial.¹⁹

Oriunda de um fenômeno da escolarização, juntamente com o aparecimento da burguesia, surge uma nova fase do desenvolvimento humano, e tudo isso embalado por um dos movimentos que mais impactaram a vida em sociedade, a Revolução Industrial. Com esse pano de fundo histórico, podemos compreender o porquê dessa nova fase, que tira a pessoa infante de seu estado de criança e a coloca na fase do adolecer.

Embora a sociedade tenha dado um passo importante para uma possível transição psicossocial saudável da fase infantil para a adulta, a socióloga Regina Magalhães alerta que “a juventude, invenção da sociedade moderna, na década de 1950 já era considerada uma ameaça à estabilidade social, um problema que carece de investigação e intervenção”.²⁰ Salienta que no final do século passado essa mesma sociedade olhava para adolescência com um olhar de preocupação, vendo essa nova fase como uma ameaça para a estabilidade social. Esse ponto de vista é perigoso, uma vez que pode gerar um clima de impaciência da sociedade para com os adolescentes que cada vez mais têm necessidade de ajuda e atenção para uma transição saudável.

Esse conflito relacional entre a sociedade e a adolescência também é apontado pelo Campbell, que afirma que a sociedade não sabe como agir em relação à complexidade que envolve a experiência de adolecer de seus cidadãos.²¹ Esse conflito precisa ser tratado e superado para que possamos ajudar esses cidadãos que estão à mercê de suas lutas existenciais oriundas da adolescência.

¹⁹ MENDONÇA, 2005, p. 23.

²⁰ SOUZA, Regina M. *O discurso do protagonismo juvenil*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 22.

²¹ CAMPBELL, 2005, p. 7.

1.3 Protagonismo na Adolescência

Refletindo sobre o protagonismo, tomaremos como ponto de partida a definição da socióloga Regina Magalhães de Souza:

Protagonismo traz em sua concepção social um ser humano que não é um coadjuvante em sua própria história, mas um ser que toma suas decisões e que participa da construção da sociedade em que ele está inserido. Protagonismo não significa ter fama, sucesso ou ser o centro das atenções, mas sim, viver sua vida, desenvolver seu papel na sociedade, sendo e não apenas dizendo. Pessoas pensantes e influentes nas elaborações e execuções frente às dificuldades que a vida possa trazer a elas ou à sociedade. Em suma, protagonista é uma pessoa que atua, ou seja, que exerce sua atuação na sociedade.²²

O protagonismo aqui apresentado traz a ideia de um ser humano que tem uma atuação na sociedade, que dirige sua própria vida. Uma pessoa não apática em relação a sua existência. Conforme a definição apresentada, o protagonista é um ser pensante que tem um papel ativo nas soluções de problemas.

1.3.1 *Protagonismo juvenil e a sociedade*

Na compreensão do protagonismo, o protagonismo juvenil proporcionará aos adolescentes ou jovens serem participantes da sociedade. Espera-se dos adolescentes uma atuação, um envolvimento nas soluções dos problemas que permeiam a sociedade; em suma, adolescentes que saibam lidar com seus conflitos e que protagonizem suas próprias vidas.

Porém, como Souza afirma, o protagonismo juvenil é mais uma invenção dos adultos para os jovens do que uma reivindicação deles. Embora o protagonismo seja considerado a evidência da atuação do ser, ele também traz os desafios de realizar esse protagonismo, agindo de forma assertiva frente às circunstâncias que o cercam.

Protagonismo juvenil exige uma atuação da sociedade de favorecer o ambiente necessário para o crescimento do adolescente. James Gibson, em sua teoria denominada *Affordance*, aponta que o sujeito precisa do ambiente favorável para ter a ação que dele se espera.

²² SOUZA, 2008, p. 44.

O não estabelecimento desse ambiente, seguido por uma pressão de ser protagonista, leva o adolescente a uma apatia e a uma desvalorização de si mesmo, olhando-se como um ser incapaz. A pessoa que passa pelo processo de adolecer sente-se inferiorizada por não satisfazer o que dela é esperado. Campell comenta que é necessário cuidar dos adolescentes, pois muitos dos sentimentos destrutivos que existem dentro deles é fruto da ausência de cuidado.

Atualmente os adolescentes são descritos por muitos como a geração apática. Essa apatia está na superfície, debaixo dela existe ódio e confusão. Por que isso acontece? Porque são muitos os adolescentes que se enxergam de maneira negativa, como inúteis e pouco apreciados. Tal autoconceito é um resultado natural de não se sentir verdadeiramente amado e cuidado.²³

O protagonismo juvenil só poderá ser uma realidade a partir do momento que nossos jovens forem empoderados para a realização social. Não devemos jamais deixar de acreditar no poder que o exercício do protagonismo juvenil tem de mudar a sociedade e até mesmo o cenário em que eles se encontram.

O teólogo Hilário Dick, ao falar numa perspectiva pastoral, afirma que “quando se fala de *protagonismo juvenil*, a Pastoral da Juventude refere-se a uma vivência pedagógica do exercício de ajudar o jovem a assumir sua identidade e fazer-se sujeito de sua história”.²⁴ Nesse sentido, toda atuação deve ser em favor do jovem ser sujeito da sua própria história. Castro afirma:

Experiências que priorizam a participação dos jovens como protagonistas do seu processo de desenvolvimento vêm demonstrando ser alternativas eficientes para superar a vulnerabilidade desses atores, tirando-os do ambiente de incerteza e insegurança.²⁵

Sem dúvida, proporcionar as condições necessárias para o bom desenvolvimento dos nossos jovens, capacitando-os a exercerem seu protagonismo, gerará condições deles saírem do ambiente de medos e incertezas que os cerca.

²³ CAMPBELL, 2005, p. 14.

²⁴ DICK, Hilário. *Mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude*. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 25.

²⁵ CASTRO *apud* GARCIA, Isadora. Vulnerabilidade e resiliência. *Adolesc. Latinoam.* v. 2, n. 3, p. 128-130, abr. 2001.

1.4 Resiliência na adolescência

A resiliência é um ponto de partida para construirmos uma ambiente favorável para que o adolescente possa exercer seu protagonismo. Rutter afirma que “a *resiliência* é o produto final de um processo de imunização que não elimina o risco, mas encoraja o indivíduo a enfrentá-lo efetivamente”.²⁶ Analisando sua raiz do verbo “resiliir”, vemos:

Resiliir [resilier] é recuperar-se, ir para a frente depois de uma doença, um trauma ou um *estresse*. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [rebondit (se desenvolve depois de uma pausa)] e se (re)constitua.²⁷

As crises e os conflitos que o adolescente vivencia em seu cotidiano causam dores e traumas que podem paralisar por completo a sua vida. Sendo a adolescência um período de crises e conflitos, de insegurança e incertezas, ajudá-lo a desenvolver a resiliência torna-se uma ação necessária da sociedade. Quando o indivíduo consegue superar as lutas e dificuldades, ele tem a oportunidade de reconstruir sua vida. E a resiliência trata de proporcionar à pessoa condições de recuperar-se da melhor maneira possível das circunstâncias que podem causar danos a sua existência.

José Tavares, em uma analogia a partir da física, de onde surgiu o termo resiliência, comenta:

[...] do ponto de vista físico e mecânico, resiliência é a qualidade de um material ao choque, à tensão, à pressão que lhe permite voltar, sempre que é forçado ou violentado, à sua forma ou posição inicial, por exemplo, uma barra de ferro, um elástico, uma mola, etc.²⁸

Tavares aponta para a ideia que permeia a resiliência: após sofrer um choque, a pessoa volta a sua forma ou posição inicial. Embora o ser humano possa, nesse retorno, trazer marcas emocionais ou até físicas dos choques sofridos em sua existência, ele tem a possibilidade de retomar a sua vida, sem o prejuízo de

²⁶ RUTTER *apud* GARCIA, 2001.

²⁷ ROCCA, Susana M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar C.; ROCCA, Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 10.

²⁸ TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In: TAVARES, José (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 57.

paralisar-se e até mesmo desistir de sua existência. A resiliência tanto na física quanto na vida não só faz o retorno, mas torna o elemento ou a pessoa mais resistente.

1.4.1 Resiliência e fé

Numa concepção pastoral sobre a resiliência, Hoch vê a resiliência como “a capacidade humana de extrair do íntimo do seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades”.²⁹ Ele acrescenta que é como se Deus tivesse colocado em nós uma reserva interna para superarmos as lutas que nos afligem. O autor também traz a atuação da fé em relação à resiliência:

Como cristão, eu acredito que a fé ajuda a despertar essa força muitas vezes adormecida dentro de nós. A fé é capaz de alimentar essa força. Aliás, eu creio que nós, mediante a fé em Deus, podemos nutrir, reforçar, treinar esta força como um músculo que precisamos exercitar para ficar forte. A fé em Deus é como uma força externa que fortalece essa força vital própria com a qual Deus, o criador, já nos presenteou no ato de nascermos.³⁰

Hoch aponta a fé como capaz de fazer fluir essa força que está dentro de nós, mas que pode estar adormecida. Ele chama essa força de “força vital”, a qual Deus nos deu em nosso nascimento. É interessante os verbos que Hoch utiliza para descrever o que a fé pode fazer em relação à resiliência. Segundo ele, a fé pode nutrir, reforçar, treinar essa força vital, que corresponde à resiliência.

Nutrir salienta a necessidade de alimentar a resiliência, de forma que ela seja capaz de agir em nós. E é a fé que alimenta e nutre a resiliência, fazendo com que a pessoa tenha esperança. A fé também tem o poder de reforçar a resiliência, tornando-a mais forte para suportar as adversidades da vida que acometem o indivíduo. E, por último, a fé pode treinar a resiliência, tornando-a hábil. A resiliência é vista como um músculo que precisa ser nutrido, fortalecido e treinado.

Karin Wondracek, ao falar sobre a experiência de superação de sofrimento do teólogo Dietrich Bonhoeffer, afirma:

A capacidade de resiliência de Bonhoeffer veio de inserir seu sofrimento na dimensão da fé. Por isso, não se sentiu abandonado – nem por Deus nem

²⁹ HOCH, 2007, p. 72.

³⁰ HOCH, 2007, p. 73.

pelos amigos. Num dos últimos poemas antes da morte na prisão, ele expressa estar “fielmente cercado por bons poderes”.³¹

A dimensão da fé nos leva a perceber o mundo ao nosso redor de maneira diferente daquilo que está aparente. Assim como Bonhoeffer, em meio à dor e ao sofrimento, pôde compreender que não estava sozinho, da mesma forma podemos receber essa presença que nos resiliencia em meio ao caos.

1.5 Identidade na adolescência

Segundo Muuss, se fôssemos resumir de forma prática o processo psicológico e sociológico que o indivíduo atravessa durante a adolescência, deveríamos dizer que esse processo é a formação da identidade.³² É como se o resultado da travessia da infância para a vida adulta moldasse a identidade que essa pessoa terá em sua vida adulta. Uma experiência que resultará na visão que ele terá de si mesmo.

A formação dessa identidade causa várias situações naquele que está adolescendo, como aponta Santos:

Na adolescência o problema de identidade se torna mais agudo. A conhecida rebeldia dos adolescentes tem uma ligação estreita com a busca da identidade. A rejeição e oposição, total ou parcial, aos pais é um estágio necessário, embora cruel, desse processo. A rebeldia do adolescente corresponde ao negativismo da criança de dois anos de idade.³³

A busca por essa identidade traz uma enorme tensão ao adolescente, que, por vezes, é identificado como rebelde. Essa rebeldia, porém, está fortemente associada à busca por uma identidade, uma busca por descobrir quem ele é. Para quem chega em casa e vê os móveis fora do lugar, verá apenas bagunça e desorganização; mas para aquele que precisou verificar os móveis para encontrar aquilo que busca é apenas o esforço para encontrar algo importante. O mesmo se aplica a alguns comportamentos do adolescente que, às vezes, podem soar como

³¹ WONDRACEK, Karin H. K. Implicações para as relações de cuidado. In: HOCH, Lothar C.; ROCCA, Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 89.

³² MUUSS, 1966, p. 43-50.

³³ SANTOS, Rosângela P. *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. São Paulo: Leditora, 2005. p. 40.

desrespeito aos pais, mas que pode ser apenas a tentativa de se encontrar em sua própria existência.

De forma sucinta, as sociólogas Maria Ângela Paulilo e Marília Dal Bello afirmam que a “construção da identidade é descobrir quem é, o que quer ser e encontrar o seu lugar no mundo”.³⁴ Elas também comentam:

Ao mesmo tempo em que provoca referências incertas e abundantes, o momento atual desafia o indivíduo a produzir a sua própria identidade de maneira individualizada. Assim, o jovem é desafiado a ser o produtor das suas próprias referências e significações, tornando-se o protagonista das suas práticas e representações, orientando-se pelos acontecimentos circunstanciais, pelas influências e pelas necessidades imediatas.³⁵

Num olhar sociológico, o momento atual tem feito com que o indivíduo busque construir sua identidade de forma individual, levando-o a construir suas próprias referências e significações, oriundas de suas vivências e necessidades imediatas. Frente a esse desafio, o adolescente se utiliza do que tem em suas mãos para produzir seu próprio jeito de ser e de sentir a vida. Em uma abordagem psicológica, Aberastuty e Knobel afirmam:

Os processos de identificação que se foram desenvolvendo na infância mediante a incorporação de imagens parentais boas ou más são os que permitirão uma melhor elaboração das situações mutáveis que se tornam difíceis durante o período adolescente da vida. [...] A busca incessante de saber qual a identidade adulta que se vai constituir é angustiante, e as forças necessárias para superar esse microlutos e os lutos ainda maiores da vida diária obtêm-se das primeiras figuras introjetadas que formam a base do ego e do superego deste mundo interno do ser.³⁶

Na adolescência, as imagens parentais boas ou más serão a base para a construção da identidade desse indivíduo, sendo que essa mesma base será de suma importância no tipo de reação que o adolescente terá frente ao processo de mutação que ele passará.

A busca por sua identidade adulta é algo angustiante para o adolescente e, segundo Aberastuty e Knobel, a força necessária para superar essa fase vem das experiências de infância que formaram a base do seu ego e superego.

³⁴ PAULILO, Maria Ângela S.; BELLO, Marília G. D. *Jovens no contexto contemporâneo: vulnerabilidade, risco e violência*. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n2_marilia.htm>. Acesso em: 05 nov. 2009.

³⁵ PAULILO; BELLO, 2009.

³⁶ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 35.

Para a pessoa adolescente, esse processo é profundo e de intensos lutos, em que a cada dia a criança vai morrendo e um adulto vai surgindo. A dificuldade de se encontrar num estágio da vida em que ele não é nem criança, nem adulto, mas que, às vezes, é tratado como criança por sua família e em outros momentos cobrado como adulto.

Desde uma perspectiva teológica, Schipani descreve a importância da fé na construção da identidade do ser humano, em seu livro *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. Ele relata a experiência de vida que Pedro e Sônia³⁷ tiveram, destacando “a importância e a função da fé e seu papel na formação de sua identidade pessoal”.³⁸ O autor mostra, assim, como a fé pode atuar na formação da identidade de pessoas que passaram por situações difíceis na vida

1.5.1 Identidade participativa

Ainda em uma perspectiva teológica, temos o conceito da identidade participativa, tratado por Karin Wondracek e Carlos Hernández, no livro *Aprendendo a lidar com crises*. Os autores partem da história de vida de Bonhoeffer, em um momento de crise e angústia:

No silêncio do maior inverno, Bonhoeffer ouviu o intenso som do mundo invisível. Naquele momento de crise, sua referência não foi a identidade individual, mas a identidade participativa, isto é, a identidade “para a qual foram criadas” as almas (corpo). Se a identidade individual é construída na relação com o outro (pai e mãe), a identidade participativa também é construída na relação com o Outro (Trindade). Essa identidade construída na relação com Deus cerca-o “fielmente” de “bons poderes”, mesmo na hora do “cálice amargo”. A identidade participativa permite-nos ver além das circunstâncias e da situação individual. Ela é complementar à identidade pessoal.³⁹

Embora nossa identidade individual seja construída a partir da nossa relação com o outro, a nossa identidade participativa é construída na nossa relação com o Outro. Essa identidade é constituída a partir do nosso relacionamento com Deus, que nos envolve nos piores momentos de nossas vidas, trazendo alento a nossa dor e nos fazendo companhia em meio à solidão. Essa identidade nos liberta de

³⁷ SCHIPANI, Daniel. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

³⁸ SCHIPANI, 2004, p. 29.

³⁹ WONDRAČEK, Karin H. K.; HERNÁNDEZ, Carlos J. *Aprendendo a lidar com crises*. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 83.

vivermos baseados apenas nas circunstâncias, fazendo-nos ir além, proporcionando graça para caminharmos a cada dia.

Pensar adolescência através de sua inter-relação com protagonismo, resiliência e identidade é pensar adolescência de forma integral. Nesse primeiro capítulo, evidenciamos que a separação desses temas obscurece a caminhada acadêmica sobre o assunto.

Um adolescente que não tem assegurado o direito de aprender a ser protagonista, de desenvolver a resiliência e construção da sua identidade, está sendo roubado à luz do dia de ser um adulto instrumentalizado para viver a vida humana. Sabemos que não é uma tarefa fácil e exige comprometimento da sociedade e da igreja para oferecer esse ambiente ao adolescente. Porém, não fazê-lo será muito mais custoso.

Percebemos que é unanimidade entre as pessoas e até um anseio que a igreja se envolva cada dia mais com os adolescentes. Porém, é visível que essa relação não anda tão bem, ocasionando, em alguns momentos, um estranhamento e frieza na relação. Nota-se certa dificuldade da igreja em compreender seu papel nesse relacionamento. É quase como se ela não soubesse o que fazer e como ajudar o adolescente a ser protagonista, resiliente e como construir sua identidade.

Por isso, no próximo capítulo analisaremos a igreja e suas concepções teológicas sobre protagonismo, resiliência e identidade, procurando compreender a relação desses três temas com a igreja. E, assim, chegar ao entendimento de como a igreja pode ajudar e se envolver com o adolescente. Focaremos muito mais na igreja do que na adolescência, buscando desse modo compreender o que tem ocorrido ao longo de sua história que pode, de alguma forma, atrapalhar essa relação e também abordaremos o que carece ser feito e repensando teologicamente para que a relação entre a adolescência e a igreja seja real e saudável.

2 A IGREJA, O *ARCHIPOIMEN* E A PERSPECTIVA BÍBLICO-TEOLÓGICA DO PROTAGONISMO, IDENTIDADE E RESILIÊNCIA

2.1 Introdução

Esse capítulo será dedicado a compreender a igreja e sua relação com o protagonismo, identidade e resiliência. Analisamos a igreja e suas nuances de ser uma instituição humana, que tem como sua razão de ser anunciar as boas novas. Essa instituição chamada igreja é muito bem quista pela sociedade. Em uma recente pesquisa feita pelo IBOPE, a igreja aparece como a terceira instituição mais confiável para os brasileiros.⁴⁰

Essa confiança faz com que a igreja ocupe um papel relevante na sociedade, tanto para aqueles que congregam, quanto para a sociedade em que ela está inserida. Há certo anseio e confiança de que a igreja possa ajudar nos dilemas do dia a dia da população. E enquanto ambiente de convívio e aceitação, ela proporciona aos adolescentes apoio nesse momento de transição.

Sendo o protagonismo, a resiliência e a identidade essencial para o adolescente, tornou-se necessário observar a relação da igreja com esses três aspectos para que assim possamos entender como a igreja poderá se relacionar com o adolescente, proporcionando a eles aspectos essenciais em sua transição da vida infantil à vida adulta.

Para que possamos alcançar esse objetivo, pesquisamos sobre a Igreja e como, ao longo da história, a eclesiologia alargou seu conhecimento e atuação. Analisaremos a visão que Agostinho e Lutero tinham a respeito da igreja. Buscaremos desenvolver um conceito de atuação da igreja a partir do *arquipoimen*. E estabeleceremos possíveis perspectivas bíblico-teológicas para protagonismo, identidade e resiliência.

2.2 A Igreja

A Igreja não é um clube ou um ajuntamento social (se fosse, a sociologia e o estudo da administração de empresas seriam suficientemente para interpretá-la). Ela é uma realidade espiritual. Por isso, é preciso um

⁴⁰ IBOPE. *Inteligência 2019*. Disponível em: <<https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/brasileiro-esta-mais-confiante-nas-instituicoes>>. Acesso em: 10 set. 2019.

referencial transcendental para explicá-la. Esse referencial, em sentido bíblico, é a cristologia (doutrina sobre a pessoa e a ação de Deus Filho, Jesus Cristo) e a pneumatologia (doutrina acerca da pessoa e da ação de Deus Espírito Santo).⁴¹

A primeira afirmação que Caldas nos dá a respeito da igreja é que ela não é um clube social, e que ela possui uma realidade espiritual. Tal definição do que não é a igreja faz-se importante para saber qual caminho percorrer e qual olhar temos que ter sobre ela. Por ser de ordem espiritual, carecemos de referenciais que nos ajudem a compreendê-la como de fato ela é.

Assim sendo, adentraremos na modalidade da teologia que tem o encargo de pesquisar sobre a igreja, que é a eclesiologia.

2.3 A Igreja e a eclesiologia

A teologia tem um ramo que se dedica a estudar todos os aspectos que envolvem a igreja, que é a eclesiologia. O teólogo Alister McGrath afirma que “o ramo da teologia cristã que trata da doutrina da igreja é via de regra chamado eclesiologia (do grego: *ekklesia*, “igreja”), sendo de suma importância para todo aquele que deseja envolver-se em qualquer tipo de ministério pastoral”.⁴² É nesse ramo da teologia que se aprofunda a pesquisa sobre o tema.

Nem sempre a eclesiologia teve uma atuação importante na teologia. Ela começa a ter relevância a partir da Reforma protestante. McGrath comenta que a “Reforma constitui um período particularmente importante, pois foi quando surgiram diversas eclesiologias, cada qual em resposta as diferentes necessidades, percepções e oportunidades”.⁴³

Berkhof⁴⁴ ensina que a igreja tem duas concepções teológicas: a Igreja invisível e a igreja visível. A Igreja invisível se refere à igreja no seu sentido pleno e espiritual, que abrange todo o povo de Deus, chamada também de noiva de Cristo e o Corpo de Cristo. A igreja visível diz respeito àquela que é institucionalizada, que possui aspecto físico, dividida em denominações e dogmas humanos, organizada

⁴¹ CALDAS, Carlos. *Fundamentos da teologia da igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 15.

⁴² MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma Introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p. 529.

⁴³ MCGRATH, 2010, p. 529.

⁴⁴ BERKHOF, Louis *Teologia sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

em comunidades de fé espalhadas pelo mundo, também conhecida como igreja geográfica.

2.3.1 O início do desenvolvimento da eclesiologia

Com a finalidade de nos situarmos historicamente a respeito do desenvolvimento da eclesiologia, utilizaremos os estudos do teólogo e historiador Alister McGrath, que ajudará a mapearmos alguns caminhos percorridos pela eclesiologia dentro e fora da teologia.

Ao olharmos para os primeiros cinco séculos da igreja, observamos que não havia uma grande pretensão nos estudos eclesiásticos.

A eclesiologia não foi uma questão de grande importância para a igreja primitiva. A igreja oriental não demonstrou ter consciência da importância potencial dessa questão. A maior parte dos escritores gregos patrísticos dos cinco primeiros séculos contentavam-se em descrever a igreja pelo uso de imagens reconhecidamente inspiradas nas Escrituras, sem maiores questionamentos. Assim, Isidoro de Pelusium definia a igreja como “a assembléia dos santos unida pela fé ortodoxa e pela excelência na maneira de viver”.⁴⁵

Não havia muitos questionamentos sobre a igreja e a sua definição estava atrelada à reunião dos santos, mostrando assim uma objetividade na forma de se entender a igreja. Colocava-se sua essência em ser uma comunidade formada por santos que estavam unidos por sua fé em comum. Esse possível desinteresse em alargar os estudos e debates sobre a eclesiologia tinha como pano de fundo a situação política em que a igreja estava inserida. McGrath comenta que:

Em parte, esta falta de interesse pela doutrina da igreja era um reflexo da situação política do período. A igreja era, na melhor das hipóteses, apenas tolerada e, na pior das hipóteses, uma organização perseguida com vigor, na esfera de autoridade de um Estado pagão e hostil - a saber, o Império Romano.⁴⁶

Ao examinarmos os seus primórdios, percebemos que a eclesiologia sofreu em sua elaboração acadêmica por questões políticas, que oprimiam a igreja, vendo-a como uma ameaça e qualquer forma mais sistêmica de enxergá-la era vista como um ato de insurgência contra o Império. A história nos revela que períodos de imposições governamentais geralmente afetam o desenvolvimento dos saberes que

⁴⁵ MCGRATH, 2010, p. 530.

⁴⁶ MCGRATH, 2010, p. 544.

pretendem mostrar ao ser humano a atitude que ele precisa ter frente à situação em que vive.

Porém, algo acontece nessa época que mudará completamente a maneira de como a igreja era vista pelo Império. A conversão de Constantino ao cristianismo alterou de forma significativa esse quadro de perseguição e hostilidade do Império para com a igreja. McGrath afirma que “com a conversão de Constantino, a situação alterou-se radicalmente”,⁴⁷ estabelecendo um novo panorama para igreja. Porém, esse cenário de aliança entre a igreja e o Império gerou indagações e preocupações.

Cada vez mais teólogos começaram a traçar paralelos entre o império romano e a igreja cristã - seja com sentido negativo (como fez Hipólito de Roma, que viu no império uma imitação satânica da igreja), seja com uma carga positiva (como fez Eusébio, que viu o império como uma instituição ordenada por Deus e encarregada da tarefa de preparar o mundo para a vinda do reino de Cristo).⁴⁸

Essa aproximação da igreja com Constantino provocou divisão dentro da própria igreja, que indagava se essa união com o Império, devido à conversão de Constantino, seria algo bom ou ruim para a igreja. Contudo, a partir desse acontecimento, a igreja começa a ter liberdade para desenvolver sua teologia de forma mais ampla. Diante desse fato, estudos e mais estudos começam a ser elaborados na área da eclesiologia, buscando compreender o papel da igreja nesse mundo e como ela deveria se relacionar com ele.

Uma questão de ordem prática levou a uma gradual reflexão em torno da questão eclesiológica. Em uma fase inicial, surgiu uma grande rivalidade entre os líderes das igrejas, especialmente em Roma e Constantinopla. Nos primeiros quatro séculos, vários centros urbanos tiveram uma importância especial, dentre os quais podemos destacar Alexandria, Antioquia, Constantinopla, Jerusalém e Roma. No entanto, no final do século IV tornava-se cada vez mais evidente que Roma, como centro do Império Romano, havia adquirido uma posição de especial destaque.⁴⁹

No primórdio dessa igreja pós-Constantino, vemos competitividade entre líderes eclesiásticos, principalmente, entre os líderes de Roma e de Constantinopla, mostrando o desgaste que essa união igreja-Estado trouxe desde o seu início para a comunidade de fé. O envolvimento com o Estado alterou a práxis teológica da igreja

⁴⁷ MCGRATH, 2010, p. 544.

⁴⁸ MCGRATH, 2010, p. 544.

⁴⁹ MCGRATH, 2010, p. 544.

que levou muitos líderes a divergirem entre si sobre os rumos que alguns pretendiam dar à igreja.

Nota-se, também, a importância que os centros urbanos como Alexandria, Antioquia, Constantinopla, Jerusalém e Roma tiveram na construção teológica da igreja e, à medida que acontecimentos ganhavam corpo, percebe-se que Roma se estabelece como base, ganhando com isso relevância religiosa e política.

Dentre essas construções teológicas sobre a igreja, vale destacar uma mudança ocorrida particularmente em relação ao nome usado para designar os bispos da igreja.

O termo “papa”, originário da palavra latina *papa* que significa “pai”, era usado a princípio para todos os bispos cristãos; pouco a pouco, ele passou a ser utilizado com maior frequência para designar o bispo mais importante da igreja — a saber, o bispo de Roma. A partir de 1073, o título era reservado exclusivamente para esse bispo.⁵⁰

No início de sua eclesiologia, a igreja utilizava o termo “papa” para todos os seus bispos, o significado para o termo “papa” é pai, que remetia à ideia que cada bispo era um pai para seus fiéis, reforçando o conceito que cada comunidade de fé era uma grande família e que tinha um pai para cuidar dela. Cada bispo na região que estava sobre sua responsabilidade era um pai a cuidar de sua família. Porém, com o passar do tempo, o termo “papa” fica como algo exclusivo para o bispo de Roma, que a partir de 1073, tornou-se um título utilizado somente para ele.

Talvez um dos maiores equívocos ocorridos dentro da eclesiologia, especialmente no que se refere à atuação da igreja para a comunidade em que ela está inserida, foi o distanciamento comunitário do “papa”. Institucionalmente, poderíamos dizer que aquele pai que permanecia próximo, agora mora longe e distante de sua comunidade.

2.3.2 A Igreja na perspectiva teológica de Agostinho de Hipona e Martinho Lutero

Observaremos dois comentários sobre a igreja na perspectiva dos teólogos Agostinho de Hipona e Martinho Lutero, que serão nossa base teológica para a compreensão da igreja.

⁵⁰ MCGRATH, 2010, p. 544.

Agostinho deixa sua colaboração ao destacar como seria a composição da igreja. Ao falar da “natureza pecadora dos cristãos”, Alister Mcgrath comenta que Agostinho ressalta:

A igreja não pretendia ser uma comunidade de santos, mas um “corpo misto” (*corpus permixtum*) de santos e pecadores. Ele encontra essa imagem em duas parábolas bíblicas: a parábola da rede que pega muitos peixes, e a parábola do joio e do trigo. Esta última parábola (Mt 13.24-31) assume especial importância e precisa ser discutida. Para Agostinho essa parábola refere-se à igreja no mundo. Ela deve esperar encontrar em seu meio tanto santos quanto pecadores. Tentar fazer uma separação neste mundo é algo prematuro e inadequado. Essa separação aconteceu no tempo de Deus, no final da história. Nenhum ser humano deve tomar para si o papel de julgar e separar entre bons e maus, pois este papel pertence a Deus.⁵¹

Segundo Agostinho, a igreja é uma comunidade formada por vários tipos de pessoas. Tanto santos quanto pecadores serão encontrados no meio dela. A igreja, sem perder sua santidade e pureza, sabe conviver com o pecador que nela há. Não é atribuição de a igreja fazer a separação, pois tal ato cabe somente a Deus.

Na parábola do trigo e do joio, citada por Agostinho, vemos a orientação de não arrancar o joio para que com isso não venhamos a tirar o trigo também. Essa parábola nos ilustra o perigo em tentar separar, tirar, arrancar do nosso meio aquilo que consideramos joio, pois no início, também o joio como o trigo são iguais, sendo difícil perceber quem é quem. Essa parábola nos ensina a exercitarmos a paciência e deixá-los crescer, pois com o passar o tempo o trigo mostrará ser trigo e o joio mostrará ser joio.

Ao fazer uso da parábola do joio e o do trigo, Agostinho evidencia uma situação que ainda nos dias atuais ocorre na igreja, uma vez que muitos sofrem pressão em sua caminhada cristã. Às vezes, por causa de alguns de seus comportamentos ou pela própria dificuldade de mudança, são classificados como joio, sendo julgados por comportamentos aparentes, não dando a eles o tempo necessário para seu crescimento e mostrarem quem realmente são, e ainda, o que eles poderão ser, se forem nutridos da forma correta.

Martinho Lutero também fornece um panorama de como deve ser a igreja ao afirmar:

⁵¹ MCGRATH, 2010, p. 533.

Ora, onde quer que você ouça ou veja [a palavra de Deus] sendo pregada, aceita, confessada e posta em prática, não tenha dúvidas de que a verdadeira *ecclesia sancta catholica*, um “povo santo” deve ali se encontrar, mesmo que existam poucos deles. Pois a palavra de Deus “não voltará [para mim] vazia” (Is 55.11), mas deve tomar para si um quarto ou pelo menos uma parte do campo. E mesmo que não haja nenhum outro sinal além deste, ela será suficiente para provar que ali existe um povo santo, pois não pode haver a palavra de Deus sem o povo de Deus, assim como não pode haver um povo de Deus sem sua santa palavra. Pois quem pregaria a palavra, ou quem a ouviria, se não houvesse o povo de Deus? E no que o povo de Deus creia se não fosse à palavra de Deus?⁵²

Sobre a sua natureza, Lutero afirma que igreja é aquela comunidade de fé que se baseia na Palavra de Deus para conduzir sua vida. Dando ênfase à palavra de Deus, Lutero afirma que se a Palavra não for o foco principal dessa comunidade ela então não é igreja.

Lutero chama atenção ao fato de que a verdadeira igreja, que ele chama de “*ecclesia sancta catholica*”, tem quatro ações em relação à Palavra de Deus: ela prega, aceita, confessa e pratica. Ao dizer isso, Lutero não passa uma ilusão de que apenas ter a Palavra constitui a igreja. Essa igreja precisa permanecer intimamente comprometida com a Palavra, aceitando o que ela ensina, confessando a mensagem que há dentro dela e praticando suas ordenanças; caso contrário, ela não é igreja.

Esses quatro elementos apontados por Lutero são norteadores de sua percepção da importância da Palavra. Ele a utiliza novamente afirmando que “onde a Palavra de Deus é pregada, aceita, crida e produz frutos, ali a amada e sagrada cruz não estará ausente”.⁵³ Reforça-se a ideia de que no lugar em que a Palavra é pregada, aceita, crida e praticada ali os efeitos da cruz de Cristo estarão presentes.

Para Lutero, a igreja e a Palavra de Deus são indissociáveis, sendo a Palavra a porta de entrada para a igreja e, ao mesmo tempo, essa igreja é impulsionada pelo Espírito Santo a pregar e ensinar a Palavra.

Eu também sou parte e membro dela e compartilho e participo de todos os bens que ela possui; por meio do Espírito Santo fui incluído e incorporado nela por ter ouvido e continuar a ouvir a Palavra de Deus que é a porta de entrada para ela. Pois antigamente, antes de sermos incluídos, éramos do Diabo, não sabíamos nada acerca de Deus e de Cristo. Assim, o Espírito Santo permanece com essa congregação santa ou cristandade santa até o último dia. Por meio dela, ele nos chama, e é esta que ele emprega para

⁵² LUTERO *apud* MCGRATH, 2010, p. 534.

⁵³ LUTERO, Martinho. *Uma coletânea de escritos*. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 354.

que a Palavra nos seja ensinada e pregada. Por meio dela, ele trabalha em nós e promove a nossa santificação, para que crescamos diariamente e nos tornemos fortes na fé e demos os frutos dele, frutos que ele mesmo produz.⁵⁴

Em um mundo em que se clama por referenciais para respondermos as indagações cotidianas e as definições e diferenciações entre aparência e a essência, essa constatação de Lutero nos apresenta uma direção para sabermos por onde devemos partir para compreendermos a igreja e suas nuances.

Em suas *95 Teses*, Lutero afirma que o tesouro da igreja é a Palavra: “o verdadeiro tesouro da igreja é o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus”.⁵⁵ Segundo Lutero, a pior coisa que poderia ocorrer com a igreja era ela perder sua essência em ser anunciadora e praticante da Palavra. Ele comenta:

Por isso, a igreja estava em condições melhores nos tempos em que diariamente mártires eram mortos e considerados como ovelhas que iam para o matadouro. Pois na época prevalecia na igreja com toda a intensidade o poder do batismo, o qual não conhecemos mais em virtude da infinidade de obras e ensinamentos humanos. Ora, tudo que vivemos deve ser batismo e deve cumprir o sinal ou o sacramento do batismo, quando, libertos de tudo o mais, somos consagrados ao batismo, isto é, à morte e à ressurreição.⁵⁶

Lutero comenta que a igreja está melhor sendo perseguida e morta do que sendo tomada por ensinamentos humanos. Certamente, Lutero fala sobre a perda do sentido de ser da igreja, quando ela perde o seu maior tesouro que é a Palavra de Deus. Pois, tais ensinamentos humanos distorcem as práticas que são relevantes para Deus e sobrecarrega a igreja de Cristo com coisas fúteis. Lutero assegura que trocar a Palavra por ensinamentos humanos é a pior mazela de todos os tempos para a igreja. Ele alega:

Daí surgiu a infinidade de promessas, ordens de monges, obras, reparações, peregrinações, indulgências e seitas, e sobre eles veio em seguida a enxurrada de penitentes, perguntas, opiniões e ordenanças humanas, que já não cabem no mundo inteiro, assim que essa tirania perturba a igreja cristã de forma muito pior do que o possa ter feito a sinagoga dos judeus ou qualquer nação debaixo do céu.⁵⁷

⁵⁴ LUTERO, 2017, p. 339.

⁵⁵ LUTERO, 2017, p. 44.

⁵⁶ LUTERO, 2017, p. 128.

⁵⁷ LUTERO, 2017, p. 121.

Essa perspectiva de Lutero sobre o que é Igreja precisa ser considerada em nossas vidas, para que a Palavra de Deus seja sua essência e que o povo de Deus não venha a sofrer pelos ensinamentos humanos que perturbam e atrapalham a igreja a ser Igreja nos dias atuais. Para Lutero, a Palavra tem primazia sobre a igreja e é a igreja que deve se subordinar à Palavra; não o contrário:

Pois a igreja nasce da Palavra da promessa por meio da fé e com esta mesma Palavra é nutrida e preservada, isto é, ela é estabelecida por meio das promessas de Deus e as promessas de Deus por meio dela. Sobre essa Palavra de Deus a igreja não tem nada a ordenar, estabelecer ou firmar, mas ela é que precisa ser ordenada, estabelecida e firmada.⁵⁸

Lutero além de descrever a relação entre a Palavra e a Igreja, ele também fala sobre a relação da própria Igreja com Cristo, descrevendo a íntima relação que há entre Cristo e a Igreja, em que ambos têm tudo em comum, evidenciando o caráter espiritual que a igreja visível tem que jamais deve ser negado. Ele explica que a relação de Cristo com a Igreja “é exatamente como um noivo que possui tudo que é da noiva e a noiva possui tudo que é do noivo, pois os dois têm tudo em comum. Os dois são uma só carne (Gn 2.24), assim como Cristo e a igreja são um só espírito (Ef 5.29-32)”.⁵⁹

2.4 A Igreja como Corpo de Cristo

A igreja visível precisa refletir a realidade da igreja invisível. Lembrando que sua existência não é meramente física, mas também necessita ser espiritual, pois, como Corpo de Cristo, ela é a forma física de Cristo tocar o mundo com sua graça e amor.

Mas, seja como for, uma coisa é clara: a Igreja como corpo de Cristo, não é mera sociedade de homens. Partindo de pressupostos sociológicos não é possível compreender o que significa e quer significar a “assembleia de Deus em Cristo”. O ponto decisivo é a comunhão com Cristo. Falando com certa dose de exagero, dir-se-ia que um único homem poderia constituir a igreja quando tem a comunhão com Cristo. Somente a partir dessa comunhão com Cristo começa a existir a comunhão dos homens entre si como irmãos. Contra todas as tentativas sociológicas de solver a questão da Igreja, deve-se notar que em Paulo, nas epístolas dêutero-paulinas e também no quarto evangelho, a Eclesiologia não é outra coisa senão Cristologia, e vice-versa. Paulo sublima fortemente que entre os cristãos – isto é, na igreja como corpo de Cristo – desapareceram todas as diferenças humanas (Cl 3.1 – Gl 3.28). Logo depois deste último texto citado se diz:

⁵⁸ LUTERO, 2017, p. 143.

⁵⁹ LUTERO, 2017, p. 68.

“Mas se pertenceis a Cristo já sois semente de Abraão, herdeiros segundo a promessa” (Gl 3.29).⁶⁰

Nessa citação, o teólogo Karl Ludwing Schmidt esclarece um ponto fundamental da eclesiologia, que a Igreja não é uma mera reunião de seres humanos. Tal afirmação conota um sentido especial à Igreja, fazendo o autor declarar que apenas a perspectiva sociológica não é possível compreender o que de fato é a Igreja.

Nessa abordagem, Schmidt ainda acrescenta que a “Eclesiologia não é outra coisa senão Cristologia”, trazendo ao debate o aspecto cristológico para uma compreensão do que de fato é a Igreja. Ao fazer isso, o autor coloca a pessoa de Cristo no centro do debate eclesiológico, reivindicando a *persona* de Cristo como centralidade do estudo eclesiástico. Dessa forma, acentua o porquê da necessidade de compreender a Igreja na perspectiva do corpo de Cristo.

O teólogo Jürgen Roloff, ainda nessa perspectiva da Igreja como Corpo de Cristo, comenta:

O motivo do corpo de Cristo tem como quadro de referência direto a cristologia. Nele, a Igreja aparece como o convívio de pessoas determinadas por uma relação especialmente qualificada com Cristo. Ao mesmo tempo se pressupõe aí que, nessa relação com Cristo, o evento salvífico que se realiza por meio dele tenha efeito sobre o surgimento e a forma de conduzir a comunhão interpessoal: em outras palavras: também a soteriologia entre em jogo aqui, mais precisamente na sua radicalização especialmente paulina como mensagem de justificação do pecador. Como nela a relação com Cristo é definida unicamente pela fé, que recebe a salvação como ação de Deus a agraciar o pecador, ela não pode permitir outras condições prévias ou pressuposições para tal.⁶¹

Segundo Roloff, o Corpo de Cristo traz a ideia da vivência comunitária da igreja, em que a perspectiva soterio-eclesiástica é a comunhão interpessoal, é como se a ação de Cristo de redimir o homem pecador, em um primeiro momento, o reconduzisse à comunhão com os seus, estabelecendo a comunhão interpessoal outrora abalada pela condição pecadora do ser humano, fazendo com que nasça um relacionamento baseado em Cristo, como o centro dessa relação interpessoal.

Ainda no final do parágrafo, Roloff acrescenta: “desse modo, parece constituir-se como consequência da teologia paulina da justificação o fato de o

⁶⁰ SCHMIDT, Karl Ludwing. Igreja. In: KITTEL, Gerhard (Ed.). *A Igreja no Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1965. p. 29-30.

⁶¹ ROLOFF, Jürgen. *A Igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 95.

motivo do corpo de Cristo tematizar em primeiro lugar a vivência comunitária aqui e agora dessas reuniões locais, sem levar em conta a dimensão de um referencial em termos de história da salvação”,⁶² dando à igreja a dimensão comunitária que lhe cabe enquanto “assembleia daqueles que crêem”. Esse ponto apresentado por Roloff é fundamental para compreendermos que na Igreja o relacionamento interpessoal faz parte dos aspectos eclesiológicos aqui explanados.

2.4.1 A Igreja e a sua construção institucional enquanto Corpo de Cristo

Após compreender os aspectos teológicos sobre a igreja, enquanto Corpo de Cristo, precisamos agora voltar nossos olhos para uma análise da relação da igreja, enquanto comunidade de fé e com a cabeça da igreja que é Cristo, ou seja, como se desenvolveu ao longo do tempo a relação do povo de Deus com Cristo dentro da igreja institucional. Lothar Hoch traça um caminho histórico teológico que nos ajuda compreender essa relação:

O NT não conhece um termo equivalente ao que hoje chamamos de “ministério”. O conceito fundamental na teologia paulina que descreve os serviços e as funções exercidas na Igreja é “carisma”. Tem um carisma aquela pessoa que, pela fé, se torna partícipe da graça e do Espírito de Cristo. Os dons do Espírito são concedidos a todos os membros da comunidade que, juntos, formam o Corpo de Cristo. Em virtude disso, não existe posição privilegiada, seja de poder, seja de monopólio da pregação, de qualquer membro do Corpo de Cristo em relação aos demais. 1Co 12.20 deixa claro que “há muitos membros, mas um só corpo”, sendo que o conjunto dos membros constitui o Corpo de Cristo (v. 27).⁶³

Não havia posição privilegiada dentro da igreja, todos exerciam seus dons e talentos e era de todos a responsabilidade e o privilégio de pregar a Palavra. O corpo e a cabeça estavam ligados diretamente sem nenhuma mediação. Porém, aos poucos essa relação começa a sofrer pequenas alterações, quase imperceptíveis, mas que conotam uma distinção entre o corpo e a cabeça. Acerca desse segundo ciclo da história, Lothar Hoch comenta:

No próprio NT, contudo, já se espelham transformações que, com o passar do tempo, foram ocorrendo na concepção de Igreja e de ministério. Ainda próximas à concepção de Paulo estão as cartas deuteropaulinas, mais precisamente a epístola aos Efésios. Também aqui se fala da diversidade de carismas ou dons espirituais que devem ser desempenhados com vistas à edificação do Corpo de Cristo (4.11s.), mediante o “auxílio de toda junta,

⁶² ROLOFF, 2005, p. 95.

⁶³ HOCH, 1990, p. 3.

segundo a justa cooperação de cada parte” (v. 16). Olhando bem, observa-se, contudo, que a figura do Corpo de Cristo já sofre uma pequena alteração. O v. 15 exorta a comunidade para que cresça em direção a Cristo, a cabeça. É verdade que, como cabeça, Cristo faz parte do corpo, mas, a rigor, a imagem do corpo propriamente dito fica reservada à comunidade. Cabeça e corpo, ainda que constituam uma unidade, são duas grandezas distintas.⁶⁴

Conforme o tempo vai passando e o evangelho vai crescendo, essa relação que aparentemente nada sofreria, começa a caminhar para um distanciamento ainda maior. Motivados por uma necessidade de proteção e de manter uma pureza na pregação e ensino da Palavra, as comunidades cristãs estabelecem cargos e funções de lideranças. A partir desse momento, surge uma nova configuração na relação corpo e cabeça, pois no meio deles surge a figura do ministro.

O quadro se altera mais acentuadamente na medida em que foram surgindo pequenas comunidades cristãs espalhadas pelo mundo da época. Esse mundo foi hostil à Igreja em formação: em sentido político, devido à perseguição aos cristãos por parte do Império Romano, e em sentido religioso, devido à influência de pensamentos gnósticos. Era necessário proteger-se física e espiritualmente e se manter o mais fiel possível à tradição apostólica. Inspirado no modelo da comunidade de Jerusalém, surgem também nas comunidades gentílicas os presbitérios, e dentro destes emergem cargos e funções de liderança que paulatinamente vão concentrando o ministério. 1Tm 4.14; 5.22; 2Tm 1.6 mostram que através da imposição de mãos (uma forma primitiva da ordenação?) os cargos de liderança e da pregação são confiados a algumas pessoas destacadas. De forma embrionária se desenha o futuro episcopado. Em todo caso, já se prenuncia aqui uma diferença entre “clero” e “leigos”. Entre Cristo e a comunidade se interpõe a figura do ministro.⁶⁵

Agora com essa nova figura, surge nessa relação entre o corpo e a cabeça uma exclusão da atuação dos leigos, concedendo aos ministros um *status* especial. A igreja torna-se comandada por um pequeno grupo homens que se apoderam de uma espiritualidade que os torna diferentes dos demais membros da igreja.

Através da ordenação se confere ao sacerdote um *status* especial, na medida em que ela imprime na sua alma um caráter indelével, ou seja, um sinal espiritual que o distingue substancialmente dos leigos. Como consequência, a corrente da sucessão apostólica só é transmitida através dos detentores do ministério ordenado. Os leigos estão fora dela. Pessoas do sexo feminino estão duplamente excluídas: por serem leigas e por serem mulheres.⁶⁶

⁶⁴ HOCH, 1990, p. 4.

⁶⁵ HOCH, 1990, p. 5.

⁶⁶ HOCH, 1990, p. 6.

Com isso, não somente o exercício do ministério fica voltado para os ministros, mas também, a vida espiritual da igreja é abalada, criando duas classes de cristãos, as quais Lothar Hoch chama de cristãos espirituais e cristãos comuns. A vida espiritual não faz mais parte do viver diário do cristão comum, deve-se agora cumprir apenas uma pequena parcela dos mandamentos bíblicos. Há um distanciamento ainda maior entre o corpo e a cabeça. O corpo agora está tão longe da cabeça que não reproduz os comandos da cabeça.

Por ser a vocação do clero de natureza espiritual e estar acima da vocação meramente temporal dos leigos, é natural que também sua piedade se caracterize pela distância frente às coisas do mundo. Poder, dinheiro e sexo são as marcas do mundo e da carne, das quais convém se distanciar ao máximo. Por isso são exigidos de quem ingressa no estado espiritual os votos de pobreza, castidade e obediência. Desse modo é estabelecida também uma ética “superior” para os cristãos espirituais e uma “inferior” para os cristãos comuns. Esta última se restringe a algumas exigências mínimas como, por exemplo, a observância dos dez mandamentos.⁶⁷

Ao traçar esse caminho de distanciamento entre o corpo e a cabeça gerado pela igreja institucional, Lothar Hoch nos leva a refletir sobre a importância de revermos nosso posicionamento enquanto igreja. Enquanto o corpo não tiver uma comunicação direta com a cabeça, ele não executará os comandos da cabeça.

Na medida em que a Igreja se constituir num espaço onde se confere responsabilidade e participação efetiva aos leigos, ela estará, como instrumento a serviço do Reino, contribuindo para que os mesmos exerçam responsabilmente sua cidadania na sociedade.⁶⁸

Em seu artigo, Lothar Hoch afirma a importância de dar ao leigo o direito de retornar a sua origem de estar em uma igreja sem distinção de privilégios e que ele tenha o espaço necessário para exercer seu carisma.

2.5 A Igreja e o *archipoimen*

Ele é a cabeça do Corpo, que é a Igreja; Ele é o princípio e o primogênito dentre os mortos, a fim de que em absolutamente tudo tenha a supremacia (Cl 1.18).

Existe uma especificidade em relação à igreja. Há alguém que tem domínio e controle sobre ela. Ela é parte integrante de Cristo e como tal, o governo sobre ela

⁶⁷ HOCH, 1990, p. 6.

⁶⁸ HOCH, 1990, p.15.

deve ser exercido por ele. Roloff compara a diferença que há entre o texto de 1Co 12.12-26 e a ideia contida no texto de Colossenses:

Assim a metáfora do “corpo de Cristo” aparece aqui num campo de referência totalmente modificada em comparação com 1Co 12.12-26, a saber, no da *noção cósmica do corpo*. Com isso, alterou-se também o direcionamento. A ideia do organismo, que refletia o entrelaçamento plausivelmente sejam membros do corpo de Cristo, pois não se fala mais de “membros” do corpo. Quando muito, há certos poucos de contato com afirmações paulinas que falam de integração dos muitos no *único* corpo mediante a ceia eucarística (1Co 10.17) e do ser batizado para dentro do *único* corpo (1Co 12.13). Mas eles permanecem limitados, pois os enunciados da Primeira Carta aos Coríntios carecem da perspectiva cósmica, ao passo que nas afirmações da Carta aos Colossenses falta a ideia da unidade a partir dos muitos.⁶⁹

Segundo o autor, enquanto o texto de Coríntios está focado na unidade do corpo de Cristo, o texto de Colossenses está focado no senhorio de Cristo. Porém, um senhorio que se estabelece de forma plena por meio do corpo de Cristo aqui na Terra. Roloff diz:

Em contrapartida, o primeiro plano aqui é dominado pela *relação entre a cabeça e o corpo que lhe corresponde*. Cristo, o senhor elevado ao céu, é a cabeça; a igreja que se encontra na Terra, por seu turno, é o corpo. O terreno está ligado ao celestial. [...] O corpo de Cristo assim constituído pela atribuição histórica do evento salvífico na fé e no batismo é o *âmbito no qual já agora se pode experimentar como realidade na Terra o domínio universal de Jesus Cristo*. A igreja é o lugar do domínio presente do Exaltado.⁷⁰

Uma vez compreendida essa atuação da igreja como expressão do domínio de Cristo aqui na Terra, indagamos de que forma esse domínio deve ser exercido pela igreja? Na busca por resposta, encontramos direcionamento no próprio termo grego utilizado por Paulo para falar de Cristo como sendo a Cabeça da Igreja. O termo grego empregado é *archipoimen*, e a partir desse termo procuraremos compreender como esse domínio deve ser concretizado.

2.5.1 Archipoimen e a práxis teológica

O vocábulo *archipoimen* (ἀρχιποιμην)⁷¹ é a palavra grega traduzida em português como o pastor-chefe; em relação a Cristo, é traduzida como o cabeça da

⁶⁹ ROLOFF, 2005, p. 254.

⁷⁰ ROLOFF, 2005, p. 254-255.

⁷¹ STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. p.1225.

Igreja. Porém, a junção dos dois termos que originam essa palavra no grego traz uma profundidade ao seu significado. Ela é composta por duas palavras gregas: *arche* e *poimen*.

O primeiro vocábulo *arche* (αρχη) significa “começo, origem, a pessoa ou coisa que começa, a primeira pessoa ou coisa numa série, o líder, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa”.⁷²

Arché desenvolveu um sentido especial na filosofia grega: (a) Significa o ponto onde algo novo começa no tempo, o fim do qual pode ser visto desde o início. Quando alguém falava do início (*arche*), o fim (*telos*), também está sendo considerado. Já que o início surge do infinito, também o fim se perdera neste. (b) É o ponto de partida, a causa, a causa primordial de tudo quanto existe, o princípio básico de tudo.⁷³

O segundo vocábulo *poimen* (ποιμην) significa “vaqueiro, pastor”. Strong comenta que

As tarefas do pastor no oriente próximo eram: ficar atentos aos inimigos que tentavam atacar o rebanho; defender o rebanho dos agressores; curar a ovelha ferida e doente; achar e salvar a ovelha perdida ou presa em armadilha; amar o rebanho, compartilhando sua vida e desta forma ganhando a sua confiança.⁷⁴

Objetivando compreender ainda mais o termo *poimen* que significa pastor, podemos observar o termo *poimaino* (ποιμαινω) que diz respeito às atribuições do *poimen* que significa “apascentar, cuidar do rebanho, tomar conta das ovelhas; reger, governar; prover pasto para alimentação; nutrir; cuidar do corpo de alguém, servir o corpo; suprir o necessário para as necessidades da alma”.⁷⁵

Em um primeiro momento, a tradução literal pode não ter muito acrescentar, mas quando olhamos a epistemologia da palavra grega *archipoimen*, obtemos a seguinte tradução: “origem do cuidado”, ou “de onde se origina todo cuidado para com o rebanho”. Esse termo está associado a Cristo como o Sumo Pastor, como a Cabeça da Igreja, mostrando aquilo que se espera da igreja, que sendo o corpo de Cristo, deve praticar o cuidado. A igreja nada mais deve fazer a não ser o

⁷² STRONG, 2002, p. 1225.

⁷³ BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v.2. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 367.

⁷⁴ STRONG, 2002, p. 1605.

⁷⁵ STRONG, 2002, p. 1605.

cumprimento do cuidado. É de Cristo que se origina todo o cuidado e como seu corpo devemos realizar esse cuidado.

Ao esboçar o pensamento sobre a igreja como a continuidade da presença de Cristo aqui na Terra, Vítor Westhelle afirma:

Essencial é sua confiança em uma convicção cristológica básica, na qual, seguindo a cristologia de Lutero, afirma que Cristo está em nosso meio, mesmo de acordo com sua natureza humana, ele está concretamente entre nós aqui e agora. E ele está entre nós “existindo como comunidade”.⁷⁶

A igreja é a continuação da existência de Cristo em nosso meio. É o *archipoimen* próximo das pessoas. É o lugar de onde jorra cuidado e proteção para esse mundo em aflição. O teólogo McGrath, ao comentar sobre os escritos de Jeremy Taylor, afirma que a igreja é o exílio para onde as pessoas devem ir nesse mundo em caos. Mostrando o papel de cuidado e proteção que a igreja tem que desenvolver aqui na Terra, nossa tarefa primordial é cuidar, proteger. A figura de pai que encontramos sobre os líderes da igreja nos primeiros anos da igreja, ao serem chamados de papa, ilustra bem a ideia que a própria igreja primitiva tinha a respeito de suas obrigações como instituição humana que serve a um propósito transcendente de cuidado e amor.

Infelizmente, a história nos mostra uma igreja negligente com o cuidado ao apoiar regimes totalitários e até ditatoriais como o regime nazista, pois, ela deu apoio a Hitler em seu massacre aos judeus e a outras etnias. A igreja acompanhou isso ao lado dele sem nada fazer.

Contudo, a história também mostra essa mesma igreja através de seus líderes que não apoiavam esse regime sendo presos por serem contrários e se oporem a essas atrocidades. Nesse ponto, percebemos uma clara contribuição que a teologia, em especial a eclesiologia, nos fornece ao nos relatar sobre as duas igrejas, a visível e a invisível. Nota-se que às vezes a igreja institucionalizada, que é a igreja visível, deixa de cumprir o seu papel de refletir a igreja invisível de cuidar e proteger.

Lutero afirma que “Cristo não instituiu reinos, não instituiu poderes, não instituiu domínios, mas serviços [ministérios] na sua igreja” como podem aprender

⁷⁶ WESTHELLE, Vitor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 188.

com o apóstolo que disse: “É assim que todos os homens devem nos considerar: servos de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus”.⁷⁷ Somos aqueles que servem, esse deve ser o foco da ação da igreja. A primazia de Cristo se estabelece no mundo por meio da ação poimênica da igreja.

O *archipoimen* tem que nortear toda a vida da igreja, se assim não for estará estabelecida uma grave patologia entre o corpo e a cabeça, pois o corpo não cumprirá o que a cabeça manda, uma vez que a cabeça é a responsável pelas ordens de comando para o bom funcionamento do corpo.

Uma igreja que não cuida, não está alinhada com o *archipoimen*, e como disse Lutero se a igreja não prega, não aceita, não confessa e não pratica a Palavra, ela não é igreja. Com isso, ela tentará viver em função de si mesma para satisfazer suas próprias vontades e desejos e deixa de ser o que nasceu para ser.

2.6 O protagonismo na perspectiva bíblico-teológica

Na construção de uma perspectiva bíblico-teológica sobre protagonismo, trabalhamos com o texto do Evangelho de João sobre o conhecimento da verdade que liberta. Segundo o autor, esse conhecimento tem a capacidade de libertar o homem, trazendo a ele uma vida livre, sem amarras e algemas. Fato esse necessário para ser protagonista de sua própria vida, não existe protagonismo onde o indivíduo não tem liberdade para fazer suas escolhas.

Ao buscar por essa compreensão da verdade a que João se refere, precisamos fazer uma diferenciação entre o termo grego e o termo hebraico a respeito da palavra:

Por muitos anos tem havido uma tendência nos estudos bíblicos para generalizar demasiadamente os usos de *aletheia* e *alethes* no grego. Assim tem acontecido, parcialmente visando tirar um contraste nítido entre os conceitos grego e hebraico da verdade. Argumenta-se, então, que ao passo que alguns escritores do NT conservam o conceito hebraico, outros escritores, especialmente João, conseguem uma fusão destes dois pontos de vista. Destarte, R. Bultmann fala facilmente demais do “uso grego” de *aletheia* em contraste com o “uso semítico”. Conforme esta teoria, *aletheia* no grego denota a “verdade” em contraste com a mera aparência, ao passo que em Hebraico a palavra paralela denota a “estabilidade” ou a “fidelidade”. Insiste-se também que a “verdade” nos escritores gregos é atemporal, levantada acima do mundo temporal e material. Tem relacionamento somente com a existência extra-histórica. A maioria dos

⁷⁷ LUTERO, 2017, p. 133.

estudiosos também insiste que o significado básico de *aletheia* no grego é o de “não estar oculto” ou do “desvendar”.⁷⁸

A verdade apresentada por João é fruto da fusão entre os dois conceitos, grego e hebraico. Enquanto no grego, a verdade está ligada a uma oposição daquilo que tem mera aparência, no hebraico está vinculada à estabilidade e fidelidade. É na fusão dessas duas formas de elaborar a verdade que o autor do Evangelho de João apresenta aos seus leitores a verdade que liberta. Verdade constituída por uma oposição à mera aparência, que nega confiar apenas naquilo que se vê, e também composta por estabilidade que é algo sólido, e também por fidelidade, que é estar comprometido com algo.

Dessa forma, vemos uma verdade além da história e atemporal, uma verdade que é superior à história e que está fora do domínio do tempo. É nessa verdade, possuidora das qualidades acima mencionadas, que o homem consegue ser livre para ser protagonista da sua própria vida.

2.6.1 A Igreja e a perspectiva bíblica do protagonismo

Quando olhamos para os textos bíblicos descobrimos uma perspectiva para o protagonismo. Perspectiva essa que deve nortear nosso caminho rumo ao favorecimento do protagonismo de cada pessoa.

No Evangelho de João, encontramos a seguinte afirmação: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8.32). Essa liberdade remete imediatamente a um protagonismo, no qual o ser humano é livre e ator principal de sua vida e não um coadjuvante. Essa liberdade conota um ser apto para tomar decisões que conduzirão sua vida de forma saudável e equilibrada.

Agostinho, em seu livro *O livre-arbítrio*,⁷⁹ comenta que sem liberdade não há possibilidade de escolhas. Para ele, a liberdade é o bem com o qual o homem pode direcionar a sua própria vida. Sem liberdade não há protagonismo. Um ser humano preso aos vícios, ao ódio, à vingança e a qualquer outra mazela que o prende dificilmente será protagonista de sua própria vida. Agostinho afirma:

⁷⁸ BROWN; COENEN, 2000, p. 2601.

⁷⁹ AGOSTINHO, Santo. *Livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 120.

Eis no que consiste a nossa liberdade: estarmos submetidos a essa Verdade. E ela ao nosso Deus mesmo, o qual nos liberta da morte, isto é, da condição de pecado. Pois a própria Verdade que se fez homem, conversando com os homens, disse àqueles que nela acreditavam: “Se permanecerdes na minha palavra sereis, em verdade, meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8.31-32).⁸⁰

Essa liberdade é fruto de submeter-se à verdade. Segundo o texto bíblico, o ser humano ao conhecer a verdade será liberto através dela. Verdade essa que aponta a cura para a alma, que norteia sua identidade e a que dá força para vencer seus traumas e sofrimentos. A Verdade que se fez ser humano é o Cristo ressurreto convidando a humanidade a relacionar-se com ele e serem libertos do pecado que a escraviza.

Na perspectiva de Agostinho, a própria Verdade se fez homem, conversando com os homens.⁸¹ Podemos entender que o texto que diz “se alguém está em Cristo nova criatura é as coisas velhas ficaram para traz e tudo se fez novo” é a Verdade oferecendo uma identidade que está além do comportamento do passado, remetendo o ser humano a um novo presente e a um belo futuro.

O versículo que diz: “posso todas as coisas naquele que me fortalece,” é a Verdade libertando a alma ao conceder uma resiliência que vai além das nossas forças. Assim como “confessais suas culpas uns ao outros para serem curados” é a Verdade conduzindo o ser humano a uma cura que passa pelo falar de suas dores, traumas e lutas.

Westhelle diz que “onde a verdade é dita, aí está à igreja; e onde a igreja está a verdade é dita. Onde a igreja está os cativos são postos em liberdade; e onde os cativos são postos em liberdade, aí está à igreja”,⁸² mostrando assim a relação que há entre a verdade e a igreja, relação essa que deve levar o ser humano a ser livre, e por fim encontrar o seu protagonismo. A igreja precisa ser esse lugar, esse espaço onde a verdade é dita.

Percebe-se que a igreja precisa ser o corpo pertencente ao *archipoimen*, sendo o espaço para o conhecimento da verdade que produz libertação. Um lugar onde o ser humano possa falar de suas fraquezas e ouvir a verdade que afirma que, nessa fraqueza, ele não está só, e que nessa fraqueza ele pode receber força, pois

⁸⁰ AGOSTINHO, 1995, p. 121.

⁸¹ AGOSTINHO, 1995, p. 121.

⁸² WESTHELLE, 2017, p. 185.

como diz o apóstolo Paulo, “quando estou fraco é aí que estou forte, pois o poder de Deus se aperfeiçoa na minha fraqueza”.

O anúncio dessa verdade gera esperança e confiança para que o fraco possa prosseguir e vencer. É terrível quando essa verdade é negada ao fraco e a ele é imposta a mentira de que ele não terá condições de mudar sua história, que não há alguém para auxiliá-lo e que ele está só nessa jornada. A igreja não pode se omitir da responsabilidade de anunciar a verdade àqueles que necessitam ouvir. Deixar de anunciar é deixar de ser igreja e deixar de ser conduzida pelo *archipoimen*.

2.7 A identidade na perspectiva bíblico-teológica

Uma das grandes indagações dos seres humanos é “quem sou eu?”. Sentimos a necessidade interna de saber quem de fato nós somos. Essas indagações ganham dimensões escatológicas quando questionamos “de onde vim e para onde vou?”. Tudo isso faz parte daquilo que chamamos de identidade, daquilo que apresenta ao mundo e a nós mesmo quem somos.

Em uma perspectiva bíblico-teológica, o gênesis da identidade humana está no ato da criação, quando Deus diz “façamos o ser humano a nossa imagem e semelhança” (Gn 1.26). A primeira menção sobre quem é o homem está associada a ele ser a imagem e semelhança de Deus.

Sendo assim, podemos compreender que a identidade está além dos dias que uma pessoa vive além das suas posses ou condições socioemocionais, indicando que o ponto de partida da identidade humana está no ato da sua criação.

O teólogo Alec Motyer faz o seguinte comentário:

O ser humano, a humanidade, a partir da criação do primeiro homem e da primeira mulher, é a coroa da obra criativa de Deus. Os três usos do verbo “criar” em Gênesis 1.27 descrevem os seres humanos em essência como criaturas e o resultado do ato divino perfeito de criar. Esse caráter único é resumido na expressão “à nossa imagem, conforme nossa semelhança”. Essas palavras, respectivamente *tselem* e *demut* (em hebraico) são usadas uniformemente por todo o AT e significam a aparência exterior ou forma de alguma coisa ou alguém. Está deve ser a ideia principal de Gênesis 1.26 também. Isso, é claro, não significa que a forma visível e molde são partes da essência divina, pois Deus é Espírito (Is 31.3; 1Jo 3.24). Contudo, encontramos no AT (Jz 13.3; 6,10,15) que, quando o Senhor resolveu se manifestar visivelmente a algumas pessoas, a primeira impressão que tiveram é a de terem visto um “homem”. Isso significa que há uma única

forma apropriada (embora não essencial) à perfeição divina e o homem foi criado de acordo com essa imagem e semelhança.⁸³

Ao ser criado à imagem de Deus, o ser humano é perfeitamente criado. Algo maravilhoso se estabelece sobre a natureza humana. A matriz que Deus usa para criar o ser humano é Ele mesmo. Tal esclarecimento sobre o ponto de partida para a criação da humanidade traz total afirmação que houve um pensar e um desejar em relação à origem e nascimento do ser humano.

2.7.1 A Igreja e a perspectiva bíblica da identidade

Ao olharmos para a identidade do ser humano na perspectiva da criação, descobrimos que “quase todos os aspectos da natureza humana na narrativa de Gênesis estão relacionados, direta ou indiretamente, à imagem de Deus”.⁸⁴ Natureza que segundo Alec Motyer é constituído por unidade, autoridade, espiritualidade, moralidade e racionalidade. Mostrando uma identidade não ligada à aparência, mas sim, composta por elementos que fazem do homem um ser dotado de atributos.

Às vezes lê-se nos Padres que a imagem se perdeu por causa do pecado. Mas, quando dirigem a reflexão mais especificamente sobre esse ponto, Orígenes, Atanásio, Basílio e outros mantêm que a imagem é indestrutível; mesmo quando o pecado, pensa Orígenes, a esconde sob um monte de imagens inimigas, imagem do Diabo, do Terrestre identificado com o Diabo, de César símbolo do Príncipe deste mundo, ou imagem de animais, ela continua indelével na orientação para o sobrenatural que constitui seu dinamismo.⁸⁵

Segundo esses teólogos, Pais da Igreja, o ser humano sempre manterá sua imagem de Deus, independente do que ele seja ou esteja praticando. A igreja não pode esquecer que o ser humano, por mais terrivelmente desfigurado que esteja, ainda tem essa imagem. E necessita ser relembrando de quem ele é e de como foi constituído.

Mesmo Cirilo e Agostinho, tendo um pensamento contrário ao desses teólogos, apontam para a reconstrução da imagem de Deus na vida do ser humano pecador:

⁸³ MOTYER, Alec. *O Antigo Testamento: entenda sua mensagem*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p. 79.

⁸⁴ MOTYER, 2010, p. 79.

⁸⁵ BERARDINO, Angelo Di (Org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 706.

Cirilo e Agostinho, que distinguem uma dupla imagem ou um duplo plano na imagem, afirmam que a segunda imagem se perdeu por causa do pecado, enquanto subsiste a primeira. Mas para todos a restauração desta imagem, perdida ou encoberta, é obra de Cristo em sua encarnação e redenção, que transformou o homem em filho de Deus.⁸⁶

Segundo esses dois teólogos, a restauração da imagem do homem caído se dá por meio da obra que Cristo realizou aqui não Terra. Essa restauração coloca o homem na posição de filho de Deus, trazendo ao homem não apenas uma identidade de criatura, mas também paternal. O ser humano aparece agora não somente como obra-prima de Deus, mas como filho de Deus.

A igreja é porta-voz da identidade humana, atuando não para acusar a pessoa, mas sim dizendo ao ser quem ele é em Deus. Uma igreja não acusadora, mas acolhedora, que resgata a dignidade humana ao anunciar a verdade que liberta.

2.8 A resiliência na perspectiva bíblico-teológica

Embora os textos bíblicos não tragam o termo resiliência, o apóstolo Paulo utiliza o termo grego *autarkês*, em Filipenses, para relatar como ele conseguia enfrentar e superar as aflições que passava. Carson comenta o seguinte a respeito desse texto:

Ele sabia que o Senhor não deixaria de lhe dar o que fosse necessário e de fortalecê-lo para enfrentar qualquer situação. Ao escrever essas coisas, Paulo usa duas palavras que eram bastante utilizadas religiosa e filosoficamente naqueles dias. A palavra traduzida por *contente* (grego: *autarkês*) significa “autossuficiente”. Os estóicos consideravam uma grande virtude a capacidade pessoal de se distanciar das circunstâncias externas e encontrar em si mesmo os meios para lidar com quaisquer situações. Paulo utiliza a palavra para expressar que ele não dependia das circunstâncias, mas os recursos de sua autossuficiência – *naquele que me fortalece* – estavam no Senhor Jesus ressurreto.⁸⁷

Tendo como base o texto explanado por Carson, podemos elaborar um conceito de resiliência a partir de Filipenses 4.13, onde Paulo diz “posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Essa afirmação do apóstolo aponta uma resiliência que não depende de sua autossuficiência para lidar com os problemas, em vez disso, aponta uma autossuficiência que está em Cristo. Ou seja, a

⁸⁶ BERARDINO, 2002, p. 706.

⁸⁷ CARSON, D. A. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1892.

autossuficiência de Paulo não está atrelada apenas às condições emocionais dele, mas atrelada aos recursos emocionais que ele recebe de Cristo.

Essa concepção paulina sobre resiliência traz ao debate a importância da fé e da espiritualidade como recurso de fortalecimento à psique humana. Com isso, Paulo tira o peso que recai sobre os ombros daquele que muitas vezes não consegue sozinho superar seus traumas, daquele que às vezes é pego pelo engano de ter que superar a dificuldade sozinho e sem apoio emocional ou espiritual.

Susana Rocca salienta que “a espiritualidade, como suporte congregacional, permite suportar crises e superar com recuperação”,⁸⁸ já que, na confiança na presença divina, é possível “crescer com a adversidade, sentindo que não tem somente a força dos homens, mas uma força superior”.⁸⁹ Ter a ajuda divina em meio às crises leva o ser humano a crer que será possível passar pela adversidade, pois não está sozinho; e quando sua força falta, a força divina ajudará. Susana Rocca também aponta que essa confiança no divino gera a possibilidade de se crescer com a adversidade.

Importante relembrar a fala do apóstolo Paulo ao afirmar a percepção que a espiritualidade lhe trouxe sobre a vida a dizer “porque quando estou fraco então sou forte” (2Co 12.10). Antes dessa afirmação, ele compartilha sua experiência de orar para a solução de um problema:

Acerca do qual três vezes eu orei ao Senhor para que se desviasse de mim. E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte (2Co 12.8-10).

Tal experiência de fé levou-o a crescer com a adversidade, aprendendo que há uma força além da sua força e que sua fraqueza não significa derrota ou fracasso, sendo que em meio a essas adversidades ele tem o poder divino a seu favor.

⁸⁸ ROCCA, Suzana M. *Resiliência, espiritualidade e juventude*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013. p. 90.

⁸⁹ ROCCA, 2013, p. 90.

2.8.1 A Igreja e a perspectiva bíblica da resiliência

A igreja, enquanto lugar de acolhimento e exercício da poimênica, tem muito a contribuir com a resiliência humana. Ela pode ajudar a pessoa de duas formas bem distintas: uma é no seu papel de acolhedora, daquela que abraça o ferido, escuta suas dores e o ajuda a lidar com elas. A outra forma é apresentando ao ser humano a possibilidade de relacionar-se com o divino, ensinando-o a vivenciar sua espiritualidade e a exercitar sua fé na superação de seus traumas.

Karin Wondracek, ao escrever sobre “implicações para as relações de cuidado”, comenta sobre uma camada protetora, a pele, que, quando perfurada, é invadida pela dor. Aplicando seu conhecimento psicanalítico e teológico, ela afirma o seguinte:

Para construir esse gesto que refaz a pele, temos de nos confessar dependentes de vários saberes, dos quais menciono os dois mais próximos a mim: na psicologia encontro teorias que auxiliam a compreender o psiquismo humano e também técnicas de intervenção em crise, que ensinam a escutar e a falar empaticamente. Na teologia encontro a dimensão do transcendente e os recursos que fazem brotar palavras de graça, esperança e fé, acalmadoras da angústia. Nessa dupla dimensão, consigo dar nomes à dor e também dos nomes a Deus, como aprendemos com Hagar: “Tu és um Deus que me vê” (Gênesis 16.13). Dessa forma, o Espírito Santo, chamado de Consolador, inspira nosso espírito a criar palavras e silêncios que restaurem corações feridos.⁹⁰

Ajudar o ser humano a refazer a pele perfurada e invadida pela dor é uma ação poimênica que a igreja precisa realizar diariamente, exercendo seu papel de cuidadora. A cada momento que uma palavra de esperança e fé é colocada à disposição dos corações aflitos e angustiados, a igreja está sendo aquilo que ela deve ser.

A história da igreja enquanto instituição revela seus percalços e como seu início institucional foi conturbado. Infelizmente não foi dado o tempo devido para seu desenvolvimento eclesial, focando muito mais em aspectos internos do que na sua relação com os membros e com a sociedade. Somente séculos depois, a igreja, por meio da teologia, buscou aprofundar seus estudos na eclesiologia.

Agostinho e Lutero nos ajudam a compreender uma perspectiva teológica para a igreja: Agostinho fala sobre quem são as pessoas que a compõem; e Lutero

⁹⁰ WONDRAECK, 2007, p. 87.

traz a forma de conhecer se uma instituição é ou não uma igreja, afirmando que tal instituição só poderá ser considerada igreja se ela prega, aceita, confessa e pratica a Palavra de Deus.

A razão de ser da igreja não está no fato de ela ser constituída como uma organização civil, mas sim em ela ser o Corpo de Cristo e, portanto, deve agir nessa perspectiva. Toda sua ação institucional deve ser norteada por uma ação poimênica, pois Cristo é a sua cabeça. E sendo Cristo o *Arquipoimen*, a origem de todo o cuidado, ela não pode negligenciar sua essência enquanto Corpo de Cristo.

Na perspectiva do *Arquipoimen*, a igreja possui meios para ajudar o adolescente no exercício do seu protagonismo, auxiliá-lo em sua jornada de construção da sua identidade e instrumentalizá-lo para ser resiliente em meio às adversidades da vida.

Nesses dois primeiros capítulos, estudamos a respeito do adolescente e sobre a igreja. No terceiro capítulo, estudaremos um caminho para uma práxis teológica protagonista que proporcione meios para o estabelecimento de uma relação entre a igreja e o adolescente. Faz-se necessário uma prática teológica que norteie essa relação e que ajude a igreja a desenvolver seu papel não somente em sua comunidade de fé, mas também na sociedade em que está inserida.

3 CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS TEOLÓGICA PROTAGONISTA, RESILIENTE E IDENTITÁRIA

3.1 Introdução

Nos dois capítulos anteriores, detivemo-nos a compreender a relação da adolescência com o protagonismo, resiliência e identidade, e a relação entre a igreja e o protagonismo, resiliência e identidade para que assim possamos construir uma relação entre a igreja e o adolescente a partir do protagonismo, resiliência e identidade. Para tal construção, entendemos ser necessária uma práxis teológica que contemple esses três fatores: o protagonismo, a resiliência e a identidade.

Por isso, nesse capítulo trataremos da práxis teológica, focada na teologia prática, como método teológico para a igreja, como modelo hermenêutico a ser utilizado nas leituras e releituras que o cenário atual exige da igreja. Dessa forma, poderemos equipar a igreja em sua tarefa de propagar protagonismo, identidade e resiliência aos seres humanos.

Com o objetivo que essa práxis teológica dialogue com os adolescentes e nos dê um norte hermenêutico para relação entre a igreja e os adolescentes, Dick comenta:

Quando falamos, por isso, que o jovem é o “sacramento da novidade” não afirmamos, simplesmente, uma frase de efeito. Alguém estar na faixa etária tida como “adolescente” ou na faixa etária considerada “jovem” significa mais do que viver um estado biológico. É, também, um estado teológico que carrega em si a necessidade de uma compreensão teológica e de um linguajar teológico.⁹¹

Há de se pensar e elaborar uma linguagem teológica que realmente se comunique com os adolescentes. Essa práxis teológica precisa ser fundamentada na *missio Dei*, pois a ausência dessa base descaracterizará toda convivência e relacionamento entre ambos. A própria razão de “ser” da igreja se estabelece por meio dessa missão, e uma práxis teológica que não sirva a esse propósito corre o risco de não servir a propósito algum. Por isso, a importância de pensarmos uma práxis que tenha um íntimo relacionamento com a *missio Dei*.

⁹¹ DICK, 2006, p. 26.

Nesse desdobramento, surge um sentido de pertencimento que certamente precisa ser ofertado pela igreja aos adolescentes. O teólogo Bonhoeffer, o sociólogo Bauman e o psicólogo Erikson nos dão subsídios para a elaboração desse pertencimento por meio de uma teologia que almeje criar caminhos para uma práxis teológica protagonista, resiliente e identitária.

De início, faz-se necessário definirmos a palavra práxis que será empregada nesse capítulo. A palavra práxis é um “termo de origem grega que significa literalmente ‘ação’ e que foi adotado por Karl Marx com a finalidade de ressaltar a importância da ação, ou prática, em relação à teoria”,⁹² ou seja, quando falamos de práxis teológica referimo-nos à prática oriunda da teoria teológica.

3.2 Teologia Prática

Primeiramente, torna-se necessário esclarecer o que entendemos por teologia prática, que “é uma disciplina da teologia que, por sua vez, integra conjunto de outras disciplinas (ou subdisciplinas)”.⁹³ A teologia prática tem a finalidade de reflexão “crítica, fundamentação teórica e o planejamento da prática cristã”.

É necessário diferenciar entre os conceitos “Pastoral”, “Teologia Pastoral” e “Teologia Prática”. “Pastoral” é, conforme a definição de J. B. Libânio, “a ação da Igreja”. Consequentemente, a “Teologia Pastoral” é a reflexão teórica sobre e em prol da “Pastoral”. Essa terminologia, firmemente enraizada no ambiente católico-romano e também com raízes históricas na formação para o ministério pastoral em seminários protestantes, carrega consigo o problema de uma distinção implícita entre teologia acadêmica, que se reflete sistematicamente a verdade eterna da revelação de Deus e talvez procure o seu próprio acesso à realidade empírica, e a “Teologia Pastoral”. Ademais, sugere certo afastamento das outras disciplinas teológicas dos desafios concretos da “Pastoral”. Para reverter esse quadro, em consonância com a discussão internacional, insistimos em estabelecer a “Teologia Prática” como disciplina teológica.⁹⁴

Após essa diferenciação feita por Schneider-Harpprecht, partimos do ponto de vista da teologia prática como uma disciplina teológica composta por perspectivas e campos de ação, cujas perspectivas são, segundo Gert Otto: “hermenêuticas,

⁹² MCGRATH, 2010, p. 657.

⁹³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 19.

⁹⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 18.

retórica, didática, comunicativa, jurídica”, sendo os campos de ação: “culto, pregação, diaconia e aconselhamento pastoral”.⁹⁵

3.2.1 Teologia Prática como modelo hermenêutico para práxis teológica

Lothar Hoch salienta que “a Teologia Prática se situa entre a pastoral e a teologia. Concebida como mediação hermenêutica, a Teologia Prática tem justamente a tarefa de promover o trânsito entre a pastoral e a teologia visando uma fecundação recíproca”.⁹⁶ Trazendo para a pastoral seu aprofundamento teórico bíblico e teológico, conduz a teologia a exercitar a sua teoria, evidenciando o aspecto teórico-prático.

O campo de ação não poderá deixar de refletir respostas às necessidades e indagações humanas, uma vez que tais necessidades têm fundo cristológico, soteriológico e eclesial. Como vimos nos capítulos anteriores, dar subsídios para o indivíduo vivenciar seu protagonismo, identidade e resiliência é atribuição do corpo de Cristo aqui na Terra, e como tal deve ser o foco dessa práxis.

A práxis teológica que anela por um protagonismo, identidade e resiliência precisa empregar uma hermenêutica que ajude a interpretar as escrituras, indagando como conduzir os seres humanos a um protagonismo, que encontre sua identidade, e resulte no fortalecimento de sua resiliência. Lothar Hoch acrescenta:

Cabe à Teologia Prática alertar para a necessidade de recuperar para os dias de hoje o equilíbrio entre a dimensão vertical-subjetiva e a dimensão horizontal-racional do fazer teológico, entre a fé que pensa e age e a fé que experimenta o que crê. A fé não tem apenas uma lógica, ela tem uma mística. As diversas subdisciplinas da Teologia Prática precisam averiguar as implicações metodológicas dessa verdade.⁹⁷

O desafio da teologia prática não é pequeno, um vez que tanto o pensar quanto o experimentar precisam ser valorizados, sem tendenciar para nenhum lado. O indivíduo precisará vivenciar a parte lógica da fé, bem como a parte mística que existe nela. Não é possível racionalizar todas as coisas, mas também não se pode mistificar todas as coisas.

⁹⁵ OTTO *apud* SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 19.

⁹⁶ HOCH, 2011, p. 63.

⁹⁷ HOCH, 2011, p. 69.

3.3 A práxis teológica e a *missio Dei*

Na busca por compreender como se dá a relação da igreja, em uma práxis teológica conduzida pela teologia prática, com o mundo, encontramos a *missio Dei*, que nos ajudará a construir um ponto de partida para a atuação da igreja no cumprimento da sua missão.

Missão é participar do envio de Deus entendido em seu mistério trinitário cujo fundamento é o amor divino por toda a humanidade, revelado cabalmente na encarnação de Jesus de Nazaré. Ele é o centro do envio de Deus, e a missão que lhe corresponde segue os seus passos. Nesse sentido, missão é antes de uma missão divina do que da igreja. Missão é *missio Dei*. A igreja cristã é instrumento na missão que é de Deus. Vocacionada, ela coparticipa da própria ação de Deus no mundo, ação que visa salvar e libertar a humanidade de todas as opressões. Sua tarefa como enviada é ver, ouvir, chamar, orientar, apontar, ajudar e tornar-se solidária como parte do testemunho daquela ação de Deus. A missão para o horizonte do reino de Deus. Esse é o alvo.⁹⁸

O caminho para a igreja realizar sua missão é entender que essa missão não é dela e sim de Deus, e que ela tem o privilégio de ser coparticipante, na qual Deus a vocaciona a ter uma atuação, podendo ser instrumento de salvação e libertação da humanidade. Ajudando os seres humanos a reencontrarem sua identidade em Deus, a vivenciarem uma resiliência que está além dos recursos emocionais e a serem protagonistas de suas próprias vidas.

Por isso mesmo a *igreja-em-missão* não pode existir sem olhar para o mundo com os olhos de Deus. Ela não consegue deixar de questionar os principais problemas que afligem a humanidade (pobreza, discriminação, fome, violência, guerra). Em meio a essas realidades, missão é evangelização e formação de comunidades de membros do corpo de Cristo. Missão é o “não” e o “sim” de Deus ao mundo. É “não” ao pecado e tudo que desfigura a pessoa humana e sua criação. Mas, em especial, é o “sim” da graça e do amor libertador, que levanta e dignifica o ser humano. Em sua ação, Deus mesmo se dá à humanidade neste mundo e não em outro. Deus é Deus encarnado, sempre. E essa novidade a Bíblia expressa com o conceito de “reino de Deus”, uma realidade de justiça e paz já presente, mas em forma de fermento, que não se confunde simplesmente com qualquer forma de “progresso humano”, ainda que possa dele se valer.⁹⁹

Conforme Zwetsch salienta, a maneira da igreja ser coparcipante na missão para qual Deus a vocacionou passa por amor à humanidade, levando em consideração tudo aquilo que de alguma forma traz sofrimento ao mundo. Ser igreja

⁹⁸ ZWETSCH, Roberto E. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo. Sinodal. 2011. p. 186.

⁹⁹ ZWETSCH, 2011, p. 187.

no mundo significa ser o corpo de Cristo que levanta, protege e acolhe a humanidade. Igreja não é sozinha na missão e nem pode ser, ela é acima de tudo o corpo de Cristo no desenvolvimento da missão de Deus aqui na Terra.

Bonhoeffer traz a missão como um balizador da igreja aqui na Terra. Para a igreja não ficar focada apenas no reino dos céus, Deus vocaciona a igreja a ser sal da Terra, declarando assim a razão de ser da sua missão.

Assim, os discípulos não estão orientados apenas para o reino dos céus, mas também lembrados de sua missão terrena. Como os que estão ligados unicamente a Cristo são enviados à Terra de que são o sal. O fato de Jesus não designar-se a si mesmo como o sal, mas sim aos discípulos, significa que lhes confia sua ação na Terra. Ele os envolve em seu trabalho. Ele próprio se restringe ao povo de Israel, mas aos discípulos é confiada a Terra toda. A Terra somente poderá ser conservada pelo sal enquanto o sal permanecer sal, conversando sua ação purificadora e temperante! Por amor a si mesmo e por amor à Terra, o sal deve continuar sendo sal – a Igreja dos discípulos deve continuar sendo o que é pelo chamado de Cristo. Nisto consistirá sua obra na Terra e seu efeito conservador. O sal deve ser incorruptível e, portanto, um poder purificador constante.¹⁰⁰

A missão da igreja tem como consequência conservar e purificar a Terra. Seu efeito é notário, sua presença não passa despercebida. Assim como a igreja precisa olhar o mundo com o olhar de Deus, amando e se importando com as mazelas que afligem a humanidade. Ela também precisa conservar a Terra purificando-a e temperando-a. Sendo assim, para realizar a missão a igreja não pode perder sua essência, ela não pode ser corruptível, subordinável e nem se vender, pois se isso ocorrer ela perderá a sua propriedade de sal e não cumprirá com o seu chamado.

3.4 A práxis teológica e a Igreja

A igreja passa por um momento de transformação. Nessa transformação, nota-se uma transição naquilo que deveria ser a ênfase da sua existência, deixando a vida comunitária para priorizar a vida institucional. O teólogo Zwínglio Mota Dias comenta que:

Tanto na vida de Israel como na vida da Igreja cristã observamos o desenvolvimento de um processo de transformação que se constitui no ponto trágico de ambas as expressões históricas do povo de Deus. Referimo-nos à passagem da vida comunitária à vida institucional, Ou seja,

¹⁰⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 66.

à formalização da vida de uma comunidade humana numa instituição que passa a ser normalizadora dessa forma de vida, que, anteriormente, era livre e espontânea. Trata-se daquele momento em que as expressões naturais da vida de uma comunidade, que existe como tal porque se submete espontaneamente aos influxos da ação de Deus no mundo, se cristalizam em normas ou leis que devem ser observadas com certa obrigatoriedade. Leis estas que embora tivessem a intenção de favorecer e proteger a vida comunitária terminaram por pervertê-la ao dar lugar ao legalismo tolhendo a espontaneidade e a liberdade de imaginação dos membros do grupo comunitário.¹⁰¹

Zwínglio Mota Dias aponta uma problemática na práxis teológica da igreja: a sua institucionalização. A igreja deixando de ser comunitária perdeu sua essência, perdeu seu vigor humano, abandonou a vida em comunidade e priorizou uma instituição, que embora receba o nome igreja, só poderá ser igreja se sua práxis for comunitária e não institucional. A perda de sua espontaneidade implica um engessamento de suas ações missionárias, de modo que o indivíduo, embora membro da comunidade, ficasse à mercê de diretrizes e normatizações.

Juntamente com isso surge uma apatia e um desinteresse entre os membros da comunidade, que agora já acostumados a não realizarem ações missionárias deixam aos seus líderes o dever e a responsabilidade de fazê-las. Renold Blank propõe a seguinte reflexão:

Aquela dinâmica transformadora que transparece nas cartas de Paulo (cf. 1Co 12.4-11) se perdeu por grande parte do assim chamado povo da Igreja. Muitos leigos desenvolveram uma atitude de passividade, dentro da qual assistiam com mais ou menos atenção aquilo que “a Igreja” decidia. “Igreja”, porém, eram o papa, os bispos e os padres. Eram ele que decidia, e os leigos assistiam. Passo a passo no decorrer dos séculos, uma pastoral de submissão, por sua vez, ajudava a apagar na consciência dos fiéis que as palavras de Pedro em 1Pd 2.9-10 era dirigidas a eles.¹⁰²

Como aponta Blank, uma passividade ao longo dos séculos foi se apoderando dos membros da comunidade cristã, e em grande parte por responsabilidade de seus líderes, que conduziram as ovelhas por um caminho de apenas assistirem as decisões que eles tomavam, sem nenhum tipo de participação, o que gera um sentimento de não pertencer à igreja.

Como o autor evidencia, esse comportamento da “igreja” levou seus membros a esquecerem da verdade anunciada pelo apóstolo Pedro, que afirma a

¹⁰¹ DIAS, Zwínglio Mota. *Discussão sobre a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 60.

¹⁰² BLANK, Renold J. *Ovelha ou Protagonista?: a Igreja e nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 46.

respeito de cada membro da comunidade cristã: “vós sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa” (1Pe 2.9). A perda do protagonismo resultou também na perda da identidade. Retirar o sacerdócio real, também retirou o sentido de ser nação santa e povo escolhido.

Em vez de praticar com base em tal atitude a sua “liberdade dos filhos de Deus” (cf. Rm 8.15), os assim chamados leigos perderam passo a passo a consciência de sua dignidade como “povo eleito”, conquistado por Deus. Apesar de que “uma distinção entre clero e leigos, no sentido de grupos claramente demarcados ou de ‘posições’ na Igreja, em todo caso não encontra atestação no Novo Testamento”, na realidade histórica, tal distinção se estabeleceu.¹⁰³

Nesse debate sobre a passividade gerada nos membros da igreja, Blank argumenta que, “o resultado era a passividade progressiva do povo. Passividade, no entanto, é o primeiro passo para a indiferença e o afastamento. O povo perdeu a sua confiança de ser agente de transformação, dentro e fora da Igreja”.¹⁰⁴ Essa passividade além de gerar indiferença e afastamento, estabelece sobre aqueles que deveriam ser coparticipantes da *missio Dei* insegurança em sua atuação como agente de transformação.

Agora o medo e o receio se apoderaram daqueles que deveriam ter a coragem para levar as boas novas, “de proclamar as excelências” de Deus, que os “chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”. A igreja precisa se reorganizar a fim de empoderar o corpo de Cristo a viver como corpo de Cristo. A confiança de ser agente de transformação precisa ser restabelecida.

3.5 A práxis teológica e a juventude

Quando pensamos em teologia, estamos pensando em diálogo, em comunicar, em conversar. Por isso, pensar uma teologia que possibilite esse diálogo com os adolescentes nada mais é do que uma teologia que anuncie o discurso que Deus nos faz através da juventude, de como Deus se comunica na e por meio da juventude. Existe uma teologia a ser descoberta, pois há um discurso que precisa ser anunciado e ouvido pela humanidade, e sem esse discurso deixaremos de lado aquilo que é característico da evangelização dos adolescentes. De certo modo, seria

¹⁰³ BLANK, 2006, p. 47.

¹⁰⁴ BLANK, 2006, p. 47.

como evangelizar alguém em um idioma que a pessoa não conhece, ou seja, as boas novas chegaram até ela, porém ela não entendeu nada, não compreendeu que algo novo chegou a sua vida. Dick comenta que “a novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua Teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. Não considerar isso é deixar de lado o específico da evangelização juvenil”.¹⁰⁵

Segundo Dick, da mesma forma que pensamos uma psicologia voltada para os jovens, precisamos aprender a falar Teologia do Jovem, ou seja, aprendermos de que maneira o sagrado tem se revelado nos jovens. Como Deus se dá a conhecer através dos adolescentes. O que há de ser revelado nessa relação divino-adolescente que precisamos compreender. Dick nos aponta isso como sendo uma realidade teológica que tem muito a nos ensinar; porém, para que isso ocorra, precisamos dedicar tempo em ler e desvelar essa nova teologia. Perceber qual visão de mundo essa nova realidade teológica nos apresenta e como teologar com essa nova realidade.

Assim como se fala de Psicologia do Jovem, precisamos aprender a falar da Teologia do Jovem, isto é, do discurso divino proferido pelo jovem. Trata-se de uma visão do mundo fiducial, fundada na revelação do divino através do jovem. O jovem, nessa perspectiva, é uma realidade teológica que é preciso aprender a ler e desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil.¹⁰⁶

Não podemos negar que nos falta algo. De certa forma, perdemos a comunicação com os adolescentes. Distanciamos da realidade de mundo pertencente aos adolescentes e não temos tido muito êxito em nossa comunicação. Há de se confessar que de certa forma ficamos assustados com as novidades que a cultura jovem nos apresentou. Infelizmente, decidimos nos proteger daquilo que achávamos serem gritos e barulhos, mas que na verdade era apenas uma nova forma de enxergar o mundo. Hilário Dick nos leva a refletir:

Se nos atrevemos a falar de Teologia do Jovem ou de divino no jovem, é porque estamos convictos de que esta Teologia nos faz falta na

¹⁰⁵ DICK, 2006, p. 14.

¹⁰⁶ DICK, 2006, p. 14.

evangelização e, além disso, é uma realidade que tem dificuldade de adquirir cidadania porque tudo que é novo nos assusta.¹⁰⁷

Assim sendo, precisamos observar a nossa forma de ver o mundo, a nossa forma de nos comunicarmos uns com os outros e, ao fazermos isso, descobrimos que a nossa teologia é muito adulta, e não ecoa de forma precisa o discurso que Deus faz aos adolescentes. É como se colocássemos um modular de voz que, em vez de ajudar a compreender, transmite medo e pavor, ecoando como uma voz macabra e apavorante.

Com isso, percebemos que nos falta humanidade no discurso com os adolescentes, não compreendemos a realidade que os cerca e, em vez de ajudá-los, podemos sobrecarregá-los ainda mais. Segundo o texto do Evangelho de João, Deus quando quis se comunicar com a humanidade se tornou humano e veio falar conosco, conjecturamos que o mesmo deve fazer-se em relação aos adolescentes.

Até a Teologia, como as outras Ciências, corre o risco de ser demasiadamente adulta, apesar da dinamicidade de seus dogmas. Ela corre o risco de não tomar em conta, em seu discurso, o verdadeiro processo de humanização, compreensão e apreensão da realidade.¹⁰⁸

Precisamos falar na linguagem deles para que eles possam ouvir. Com certeza, falar na linguagem deles significa aprender a linguagem deles; e, para termos esse aprendizado, é fundamental investirmos tempo e recursos. É necessário reconhecer que aparentemente temos boa comunicação apenas com adultos e com as crianças, mas com os adolescentes infelizmente gaguejamos. Dick nos lembra:

É necessário saber traduzir a nossa Teologia para a realidade juvenil, desvelando o teológico nesta realidade. Parece-nos evidente recordar que a Igreja e a Teologia dão a impressão que sabem falar para adultos e crianças, mas gaguejam quando falam para e da juventude.¹⁰⁹

Logo, não estamos falando de uma nova didática, mas sim de um novo campo teológico. “Por isso, falamos da Teologia do Jovem, um assunto que é mais

¹⁰⁷ DICK, 2006, p. 18.

¹⁰⁸ DICK, 2006, p. 19.

¹⁰⁹ DICK, 2006, p. 20.

do que uma mudança de postura didática. Precisamos descobrir um novo campo teológico”.¹¹⁰ Existe uma nova teologia que precisa ser descoberta e desenvolvida.

Corre-se o risco de negligenciarmos essa teologia, assim como outras teologias foram negligenciadas no passado, mas conforme verificamos no capítulo anterior desse trabalho, negligenciar um campo teológico geralmente custa muito caro. Deixar de descobrir uma nova teologia é deixar de compreender o discurso que Deus está fazendo na nova cultura que está diante dos nossos olhos.

Dick ressalta que aprender esse novo campo teológico é também compreender a nova forma de espiritualidade que essa teologia traz em si mesma, pois se essa espiritualidade não estiver inserida nessa realidade juvenil dificilmente será uma expressão autêntica da relação do adolescente com o divino e não será acolhida por eles.

Assim como falamos que a Teologia, em geral, é muita “adulta” e estacionada, poderíamos falar da Espiritualidade, igualmente, em geral muito adulta e sem fome de novidade. A Espiritualidade, para ser verdadeira precisa também encarnar-se nas diferentes realidades. Ela precisa ser jovem, com um perene sabor de novidade, sem significar uma tendência superficial de ser “novidadeira”. Evidente que se não houver, atrás da Espiritualidade, uma Teologia semeada na realidade juvenil, ela será “adulta” e, por isso, com dificuldade de ter repercussão num recipiente “jovem”.¹¹¹

3.5.1 A práxis teológica, a Igreja e a juventude

Como já foi abordada anteriormente, a igreja passa um momento de transformação e questionamentos sobre como agir a fim de resgatar o caráter da *missio Dei* da comunidade cristã. Juntamente a isso, estabelece-se a realidade eclesial envolvendo a juventude. Uma juventude que, embora esteja aberta para experiência da espiritualidade, mantém-se distante da igreja.

Regina Novaes, em seu artigo “Juventude e religião: o que há de novo?”, analisa as estatísticas que mostram o perfil religioso dos jovens, porém, que possuem uma espiritualidade, mas sem ter uma instituição ou religião determinada.¹¹² Tal distanciamento pode ter vários motivos, podendo ser um

¹¹⁰ DICK, 2006, p. 21.

¹¹¹ DICK, 2006, p. 22.

¹¹² NOVAES, Regina. Juventude e religião: o que há de novo?. *Revista Senso*, 2017. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/2017/10/16/juventude-e-religiao-o-que-ha-de-novo>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

descrédito para com a instituição igreja, como um afastamento da tradição religiosa dos pais para juntar-se a outra religião. Novaes comenta sobre dois pontos que mais lhe chamou atenção na análise dessa estatística:

Vamos destacar duas destas “surpresas” que — a meu ver — estão relacionadas com as experiências e a novas subjetividades juvenis. São elas: 1) o aumento significativo (com 9,2 milhões de respondentes) de “evangélicos não determinados” e 2) o crescimento dos “sem religião” que subiu de 7,4% para 8,0% (14,5 milhões de respondentes) remetendo ao universo urbano, jovem e masculino. Começemos pelos “evangélicos não determinados”. Segundo o Censo de 2010, os evangélicos somam 22% da população assim distribuídos: 4% de evangélicos de missão/históricos, 13,3% de evangélicos pentecostais e 8% os “evangélicos não determinados”.[...] Analisando os resultados do Censo, a antropóloga Clara Mafra (2012) chama também a atenção o fato da maioria dos jovens “sem religião” ter baixa escolaridade, estar na base da pirâmide e se auto-classificar como pardos. A autora lembra que jovens das periferias, criados aos cuidados de uma mulher evangélica, aprenderam com suas mães/avós/tias que “ter religião” é sinônimo de “frequentar uma igreja”. Assim sendo, por não estarem frequentando uma igreja naquele momento, ao serem indagados, responderiam “não tenho uma religião”. Para além desta possibilidade, no conjunto, parecem ser bem mais diversificadas as trajetórias dos jovens que se declararam “sem religião” no Censo de 2010. Em comum estes jovens não negam ter fé e, por isto mesmo, não se enquadram alternativas agnósticos ou ateus”.¹¹³

Nessa complexidade que envolve a experiência religiosa da juventude, o teólogo Marcelo Gualberto pondera sobre uma juventude que embora seja religiosa no seu discurso é incrédula em relação à prática dessa religiosidade:

Compreender e discernir esta contradição é uma tarefa que requer grande esforço, dada a complexidade dos fatores históricos, sociológicos e religiosos envolvidos no processo que culminou na formação de uma juventude evangélica brasileira da maneira como conhecemos hoje. Se, por um lado, é uma geração de grande abertura para o transcendente e o espiritual, por outro o discurso não é confirmado pela prática, e o que se constata é um enorme distanciamento de Deus.¹¹⁴

Uma juventude que embora creia e até fale a respeito de sua fé também passa pela dificuldade de transformar seu discurso em atitude. O autor acrescenta que embora essa geração esteja mais aberta à espiritualidade, essa mesma espiritualidade está alicerçada a uma cultura musical que, de certa maneira, está

¹¹³ NOVAES, 2017.

¹¹⁴ GUALBERTO, Marcelo. Juventude evangélica: religiosa no discurso, mas incrédula na prática. BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 227.

desprovida da Palavra. A cultura musical é uma de suas maiores formas de expressar sua espiritualidade.

Essa nova forma de expressão religiosa da juventude exige da igreja um poder de teologar com essa juventude, ajudando-a a permanecer com sua forma própria de experimentar a fé e fundamentando tanto biblicamente, quanto teologicamente essa vivência religiosa. A experiência religiosa dos jovens passa por um quadro que desafia a igreja na sua práxis teológica, em uma hermenêutica que lhe permita entender o que de fato há por trás desse fenômeno.

Hilário Dick comenta que “a novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua Teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude”.¹¹⁵ Dick apresenta uma perspectiva hermenêutica que a cultura juvenil traz para o âmago da igreja. Cultura essa que traz um discurso do divino. Ele acrescenta que “o Deus da juventude tem um rosto de juventude, com tudo o que isso significa”.¹¹⁶

O jovem nessa perspectiva é uma realidade teológica que é preciso aprender a ler e desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil.¹¹⁷

O desafio hermenêutico que Dick nos aponta é a importância de compreendermos “o sagrado que se manifesta na realidade juvenil”. É preciso entender que essa experiência de fé tem sua singularidade e que precisa de uma teologia que ajude a compreender a práxis juvenil enquanto coparticipante da *missio Dei*. Uma teologia que procura atuar frente a essa juventude que se relaciona com o sagrado, focando o relacionamento sagrado-juventude, tem suas dificuldades. E uma dessas dificuldades talvez seja aquilo que Dick, ao falar da atuação dos jovens na história da humanidade, conota de construção secundária, que consiste em pensar que aquilo que os jovens fizeram em favor da humanidade não possui a mesma importância do que os feitos realizados pelos adultos.

Todas as figuras juvenis que procuramos olhar com ligeireza – sejam elas reais; históricas ou fruto da imaginação de um povo – exercem um papel importante na sociedade, mesmo que esta (a sociedade) tenha medo,

¹¹⁵ DICK, 2006, p. 14.

¹¹⁶ DICK, 2006, p. 14.

¹¹⁷ DICK, 2006, p. 15.

receio ou vergonha de dizê-lo [...] Temos consciência de que somente pinçamos algumas figuras e que não fomos – talvez – suficientemente exigentes no campo da exegese e da hermenêutica, mas o que foi apresentado não pode ser considerado uma leitura fundamentalista. O que desejamos é mostrar um viés histórico e sociológico que custa a aparecer quando se estuda a história da humanidade. A humanidade não é feita somente de adultos e de homens; ela é construída da mesma forma, pelos jovens e pelas mulheres, só que isso é considerado – algumas vezes – como secundário.¹¹⁸

Essa práxis teológica no exercício hermenêutico que é exigida necessita apreciar a juventude como um protagonista social, não como um ser secundário, mas como alguém que tem um poder de atuação de transformação e que deseja participar dessa transformação. Olhar a juventude desde uma perspectiva participativa na *missio Dei*, sendo voz ativa e dialogal com o mundo que Deus deseja alcançar.

3.5.2 A práxis teológica e a relação Igreja e juventude

Deus deseja ver “juventudes” e, para isso acontecer, uma consequência da vivência grupal é a organização. Uma das formas melhores do jovem encontrar sua identidade e sua missão no mundo é pertencer a uma organização que o leva a assumir responsabilidades, planejamentos, pedagogias, relacionamentos; isto é, a ele abraçar a sua identidade de protagonista.¹¹⁹

Nessa relação com os adolescentes, a igreja terá que reavaliar sua conduta para com a juventude. Dick, ao estudar a história dos jovens, aponta uma triste realidade. Na perspectiva de serem protagonistas de sua história, os jovens foram contidos pelos adultos, ele afirma:

Estudando a história dos jovens na perspectiva do protagonismo temos que confessar que a juventude, como realidade histórica, é uma realidade abafada pelo mundo dos adultos, também pelas ciências como a História e a Antropologia.¹²⁰

Quando pensamos uma teologia com uma práxis do protagonismo, precisamos lembrar o que significa a igreja se relacionar com os adolescentes nessa perspectiva. Uma práxis teológica protagonista significa dar ao adolescente o

¹¹⁸ DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 47-48.

¹¹⁹ DICK, 2006, p. 55.

¹²⁰ DICK, 2006, p. 18.

poder de ser sujeito de sua identidade e de sua organização tanto como indivíduo, quanto como grupo.

E dentro desse contexto desenvolvido sucintamente que surge o princípio norteador que qualquer anunciante do Reino no mundo da juventude deve considerar com muito respeito e que, ao mesmo tempo, provoca resistências e rejeições: o protagonismo juvenil. Há quem fale de empoderamento juvenil, isto é, do desafio que o jovem vai descobrindo que ele foi sonhado para “ter poder”, isto é, que ele não foi sonhado para a dependência, mas para ser sujeito de sua história. Se falarmos de protagonismo juvenil significa que acreditamos numa juventude convidada a ser sujeita de sua identidade e de sua organização, como pessoa e como grupo.¹²¹

Não se trata de convidar os adolescentes para entrarem na igreja ou para serem ouvidos, tal convite é um convite para o adolescente ser igreja, com suas próprias características e tendo a oportunidade de participar da *missio Dei* com a sua linguagem teológica própria. Dick explana:

Não permitir o desabrochar desse protagonismo, é opressão. Não ter presente isso nos valores para os quais se convida os jovens a se engajarem, não é ser nem verdadeiro nem libertador. Na evangelização juvenil o que sucede, de fato, é a provocação do dom existente na juventude, ajudando-a para que ela saiba cultivá-lo e vivenciá-lo na prática.¹²²

Nessa relação, a atuação da igreja em auxiliar o adolescente a conhecer seus dons, e ajudá-lo em suas experiências de fé, sem tirar dele sua identidade, o adolescente conseguirá olhar a igreja, em especial para os adultos que compõem essa igreja, como pai e mãe, tornando-se assim o que realmente a igreja precisa ser para os adolescentes. Dick afirma:

Quando o jovem percebe que o adulto não lhe tira sua identidade, mas o ajuda a descobrir-se naquilo que é, “apaixona-se” por esta pessoa. Gosta dela e o manifesta. Pode-se dizer que é a grande descoberta daquilo que é o verdadeiro “pai” ou a verdadeira “mãe”. Por isso, o jovem é capaz de chamar de “pai” ou de “mãe” a todo aquele que o ajuda a ser ele.¹²³

3.6 Subsídios para uma práxis teológica protagonista, resiliente e identitária

Levado ao campo das Pastorais cabe perguntar e observar quais as narrativas que a teologia cristã oferece, hoje, à juventude que propiciam um sentido realista e esperançoso diante das situações adversas de violência,

¹²¹ DICK, 2006, p. 32.

¹²² DICK, 2006, p. 34.

¹²³ DICK, 2006, p. 4.

de injustiça ou outras, e que impulsionam o jovem na luta pela felicidade própria e da humanidade, incentivando sentidos que fazem da sua vida uma causa pela qual viver com protagonismo e solidariedade.¹²⁴

Suzana Rocca, por meio de sua pesquisa, esclarece os pilares para a promoção da resiliência. Utilizando uma perspectiva pastoral, ela aponta sete elementos: autoestima, pensamento crítico, projeto de vida, protagonismo juvenil, senso de humor, criatividade e busca de sentido.

Na expectativa de uma práxis teológica que dialogue com os adolescentes, podemos subsidiar essa práxis a fim de que aja promoção da resiliência em nossas atuações. Compreendendo que nossas ações precisam proporcionar autoestima, pensamento crítico, projeto de vida, protagonismo juvenil, senso de humor, criatividade e busca de sentido. Não sendo uma teologia voltada para si mesma, mas sim para o povo, e em especial para o ser humano que passa pela fase de adolescer e necessita desenvolver sua resiliência para suportar as turbulências que vivenciará durante essa transição.

Essa abordagem apresentada por Susana Rocca mostra o que de fato deve ser priorizado quando objetivamos dar ao ser humano recursos emocionais e espirituais. No primeiro pilar, autoestima, a autora explica:

o acompanhamento visa que cada jovem conquiste uma ideia positiva de si, motive uma abertura aos outros, reconheça seus valores, aceite as diversidades e as limitações e entre numa relação positiva com a realidade do ambiente e do mundo.¹²⁵

O acompanhamento da igreja com os adolescentes precisa gerar neles autoestima. De forma nenhuma a relação do adolescente com a igreja deve prejudicar sua autoestima. Susana Rocca comenta que mesmo sem ter uma menção direta em promover resiliência, seguir esses passos, certamente, potencializará a resiliência nos adolescentes que venham a ser alcançados por essa linha de pensamento teológico que contemple esses princípios em sua práxis. A autora afirma:

Caso estas considerações sejam levadas à prática nos diferentes trabalhos com juventude, poderia pensar-se que, mesmo sem se referir explicitamente à promoção da resiliência, os princípios e estratégias utilizadas coincidiriam

¹²⁴ ROCCA, 2013, p. 123.

¹²⁵ ROCCA, 2013, p. 107.

com a abordagem sugerida para potencializar as capacidades da resiliência.¹²⁶

Sobre o pensamento crítico, Susana Rocca ao escrever a respeito:

Sugere que a formação deve favorecer a capacidade de analisar e avaliar as informações e os conceitos que recebe, de ter um pensamento reflexivo, de tirar as suas próprias conclusões, de saber reagir e resolver criativamente os problemas.¹²⁷

A teologia que pretender dialogar com a juventude não pode ser uma teologia fechada em si mesma, sem a possibilidade de confronto, uma que vez uma teologia que proponha ser protagonista, resiliente e identitária, certamente, capacitará os adolescentes a terem um pensamento criterioso e analítico, e com isso verá por muitas vezes os próprios adolescentes indagando com a teologia sua forma hermenêutica de ver as coisas no mundo presente.

Em relação ao projeto de vida, Susana esclarece que “trata-se de gerar, nos jovens e nos grupos, novas atitudes de vida e novas capacidades que lhes permitam ser, clarificar seus projetos de vida, viver em comunidade e intervir eficazmente para a transformação da realidade”.¹²⁸ É necessário que essa práxis teológica contemple caminhos para que o jovem seja ajudado a encontrar seu projeto de vida. E por vez até mesmo despertá-lo para a importância de se pensar na vida ao longo prazo, ajudando os adolescentes a descobrirem “novas atitudes de vida e novas capacidades” que às vezes, não estão evidentes em suas vidas.

No protagonismo juvenil compreendemos que:

A perspectiva da resiliência supõe uma visão antropológica esperançosa: longe de olhar para os jovens que sofrem, a partir de sua situação de vítimas passivas, o paradigma da resiliência propõe despertar e fazer crescer o protagonismo juvenil, também chamado de empoderamento (empowerment). Cabe salientar que, segundo a ótica da resiliência, a conquista da própria autonomia significa assumir o desenvolvimento das capacidades e dos recursos pessoais, estando ciente dos limites e sendo capaz de controlar seus próprios instintos.¹²⁹

Estamos pensando uma possível teologia que consiga dialogar com os adolescentes, uma teologia que entenda as necessidades e a linguagem desses

¹²⁶ ROCCA, 2013, p. 107.

¹²⁷ ROCCA, 2013, p. 108.

¹²⁸ ROCCA, 2013, p. 110.

¹²⁹ ROCCA, 2013, p. 112.

adolescentes com quem ela pretende conversar. Rocca nos chama atenção para dois fatores, o primeiro é que tal adolescente não ficará em um estágio de inércia e passividade, ao contrário essa teologia o ajudará a se empoderar e ter condições de ser autonomia, desenvolvendo suas capacidades e recursos pessoais. Sendo assim, a teologia que deseja dialogar não escravizará e nem oprimirá os adolescentes.

Ao olharmos para o aspecto do senso de humor, aprendemos:

Desde o ponto de vista da psicanálise, o humor é uma defesa que possibilita a elaboração das pulsões agressivas junto com as excitações que geram, mediante uma expressão valorizada socialmente. O humor sadio tem a capacidade de promover a resiliência quando consegue que a pessoa ferida possa rir dela mesma ou da sua própria situação.¹³⁰

Já imaginou uma teologia que ri? Uma teologia que traga em suas entranhas o humor e o riso? Por vez, vemos liturgias de cultos sendo questionadas por serem informais, ou porque durante a pregação as pessoas riem devido às histórias e ilustrações que os pregadores narram em seus sermões. Essa teologia terá que incluir em sua práxis teologia o senso de humor, o riso e o sorriso. Terá que ensinar os adolescentes a rirem de suas situações e feridas, e para que possa ensinar os adolescentes a fazerem isso, a igreja que utilizar dessa teologia precisará rir de seus problemas também.

Não haverá espaço para usar máscaras, falando uma coisa e fazendo outra. Talvez o senso de humor possa ser umas das grandes dificuldades que a teologia tenha que aprender para dialogar com os adolescentes.

Na criatividade, somos convidados a repensar formas e linguagem de expressarmos nossa teologia. Susana Rocca comenta:

Na opinião de Vanistendael e outros, a atividade criativa e recreativa, seja a arte ou os hobbies, podem favorecer a resiliência. Estes elementos que ajudam no desenvolvimento das capacidades resilientes podem ser fomentados através de projetos pastorais e sociais que integram a música, a poesia, a dança, o teatro, as artesanais ou as atividades esportivas.¹³¹

A arte tem o poder de ajudar o adolescente a desenvolver sua resiliência. E a teologia precisa favorecer uma liturgia que contemple a arte, a criatividade e a recreação. O sermão não poderá ser a única forma de expressão teológica. Essa

¹³⁰ ROCCA, 2013, p. 114.

¹³¹ ROCCA, 2013, p. 117.

teologia terá que interagir com a música, a poesia, a dança, o teatro, os artesanatos e atividades esportivas. Terá que conversar com os adolescentes dentro da cultura dos adolescentes para que eles possam se expressar também.

Na busca de sentido, Susana Rocca nos ensina:

Uma das maiores demandas das “novas formas de crer” é a busca de “preencher o vazio deixado pelo estado de insatisfação difusa presente na sociedade moderna”. Não são poucos os jovens que sofrem as consequências de estarem imersos num sistema ligado à competência, à incerteza e à exclusão, [...] Desde o ponto de vista dos estudos de resiliência, vários autores coincidem na afirmação de que a capacidade de encontrar sentido parece ser um importante recurso para a superação das adversidades e que a espiritualidade “traz significado e propósito à vida das pessoas”.¹³²

A teologia precisa caminhar com os adolescentes na busca pelo sentido da vida, acolhendo-os em seus momentos de vazios e ajudando-os a superá-los. Em um mundo cheio de competições, incertezas e exclusões, os adolescentes precisam encontrar na igreja um lugar que o acolha, independente, de suas competências e habilidades, um lugar onde mesmo quando ele estiver fraco será respeitado e amado. A teologia que pretende dialogar necessita entender que está conversando com alguém que tem suas incertezas e medos, alguém que não busca debates e sim conciliações. É caminhando com os adolescentes em suas fraquezas e insegurança que a igreja se apresentará amorosa e poimênica.

3.7 A práxis teológica e o sentido de pertencimento da juventude na igreja

Ao nos depararmos com a dificuldade de incluir os adolescentes, ou deles se sentirem incluídos na igreja, nos indagados o que há por trás desse fenômeno? O que essa dificuldade relacional que às vezes ocorre entre igreja e juventude quer dizer? Anelando compreender essa situação, três textos, um de Bonhoeffer, outro de Bauman e o terceiro de Erikson, parecem ser de suma importância para essa análise e assim elaborar uma possível práxis teológica que ajude a juventude a sentir-se aceita e inclusa na igreja.

Antes de analisarmos esses três teóricos, é fundamental termos em mente a importância do pertencimento para os adolescentes. Para essa compreensão, utilizaremos dos textos de Susana Rocca, em que ela discorre a respeito do tema:

¹³² ROCCA, 2013, p. 118.

Os salesianos sugerem que o clima de amizade e de estima, o ambiente de acolhida e de confiança e o espírito de família, de alegria e de propostas suscitam no jovem a consciência do seu valor e significado como pessoa e mobilizam as suas melhores energias.¹³³

Segundo os estudos feitos por Susana Rocca, o ambiente que fornece esse pertencimento suscita no adolescente seu valor e significado enquanto ser humano, fazendo com que esse adolescente possa mobilizar suas forças para um propósito melhor. Percebe-se que acolher e propiciar pertencimento a um grupo resulta em uma melhora significativa no emocional do adolescente, pois tal pertencimento é um dos pilares para a resiliência. Susana Rocca comenta:

No documento da CNBB, os bispos afirmam que, nos grupos, os jovens se relacionam entre si, se comprometem uns com os outros, se ajudam na superação das dificuldades e problemas e “vão criando uma linguagem, um conjunto de ‘regras’ e objetivos comuns que lhes dão um sentido de pertença e identidade grupal”. Para Suárez Ojeda, o sentimento de pertença a um grupo ou a uma comunidade é um dos pilares da resiliência comunitária ou social.¹³⁴

Em uma perspectiva pastoral da relação que deve existir entre a igreja e os adolescentes, Susana Rocca aponta em sua pesquisa o que a igreja enquanto lugar de pertencimento deve oferecer aos adolescentes:

Do ponto de vista pastoral, a proposta educativa de Petitclerc é baseada na possibilidade de encontrar um lugar que propicie a construção da história, a expressão e o desenvolvimento das capacidades de autonomia, um lugar de experimentação da vida social, um lugar de apoio à formação escolar e profissional.¹³⁵

3.7.1 Bonhoeffer e o sentido de pertencimento da juventude na igreja

O primeiro texto que apresentamos é o do teólogo Bonhoeffer:

Em uma comunidade cristã, tudo depende de que cada um se torne um elo imprescindível de uma corrente. Apenas quando até o menor dos engrena firme, a corrente torna-se inquebrável. Uma comunidade que permite que existam elos não utilizados será arruinada por eles. Por isso é bom que cada um também receba uma determinada incumbência na comunidade,

¹³³ ROCCA, 2013, p. 107.

¹³⁴ ROCCA, 2013, p. 102.

¹³⁵ ROCCA, 2013, p. 113.

para que ele saiba, em horas de desespero, que também ele não é inútil e desnecessário.¹³⁶

O ponto a ser analisado é o sentir-se útil. Bonhoeffer argumenta que apenas quando um membro da comunidade tem uma incumbência, uma tarefa a ser realizada, é que ele se sente útil para a comunidade. A ausência dessa atribuição leva a pessoa a sentir que não é importante, não é necessária. Ela parece não ser imprescindível para essa comunidade. Com isso, o resultado final é um sentimento de não pertencer à comunidade.

Nessa perspectiva, quando a juventude não tem uma atuação direta, na qual ela se sente importante para o bom funcionamento da igreja, terá uma igreja frágil. A corrente não é firme, tornando-se quebrável.

Como diz Bonhoeffer, “em uma comunidade cristã, tudo depende de que cada um se torne um elo imprescindível de uma corrente”. Tudo depende de que cada membro seja indispensável para a comunidade, cada um é importante. E isso não se dá no discurso dos líderes, mas sim, nas atribuições que são compartilhadas com cada um. O discurso dos jovens serem importantes para a igreja só terá eco quando se materializar em atuações específicas para a juventude.

Perceba o final da frase de Bonhoeffer: “para que ele saiba, em horas de desespero, que também ele não é inútil e desnecessário”. Ter uma responsabilidade junto à igreja gera na juventude comprometimento, ajudando-o nos momentos de desespero que ele é necessário à comunidade. Isso soa como se o adolescente no momento do desespero pensasse: não posso desistir, a igreja conta comigo, não quero deixar de ajudar e participar na missão de Deus.

3.7.2 Bauman e o sentido de pertencimento da juventude na igreja

Buscaremos uma analogia com a explanação feita pelo sociólogo Bauman sobre a importância do “pertencimento” na construção da identidade daqueles que não são da Terra em que estão com a relação de pertencimento juvenil

¹³⁶ WEBER, Manfred (Org.). *Dietrich Bonhoeffer para jovens: liberdade para viver*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 20.

O sociólogo, ao falar do problema da imigração, das pessoas que não se sentem pertencentes no país em que estão morando e os efeitos que isso lhes causa, explica que:

Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.¹³⁷

Bauman nos ensina que enquanto a pessoa esforçar-se por ser aceita no meio em que está ela ainda não possuiu sua identidade, a busca por esse pertencimento a levará a intuir que ela ainda não é, negando a ela o direito de se reconhecer como pessoa possuidora de uma identidade.

O autor também fala sobre a consequência de termos subclasses e o que de fato significa. Essas subclasses poderiam ser comparadas com situações em que a pessoa não está totalmente incluída na comunidade, ela apenas está dentro das quatro paredes, mas não faz parte dela. Ele explana:

Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira, vivendo da previdência social, viciado, ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori. O significado a “identidade da subclasse” é a *ausência de identidade*, a abolição ou negação da individualidade, do “rosto” – esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas.¹³⁸

Trazendo essa fala de Bauman para o contexto eclesial, dentro da nossa práxis teológica, notamos que as subclasses em que colocamos as pessoas em nossas comunidades ou a juventude de um modo geral equivalem negar a elas o direito de assumirem a identidade de serem feitas à imagem e semelhança de Deus.

Não ajudar as pessoas a serem pertencentes, inclusas na igreja, é submetê-las a uma identidade de subclasse eclesial, que é o mesmo que a ausência da identidade. Deste modo, acolher os adolescentes é muito mais do que trazê-los para dentro da igreja, é dar a eles o direito de possuírem uma identidade enquanto membros do corpo de Cristo.

¹³⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 17-18.

¹³⁸ BAUMAN, 2005, p. 45-46.

Bonhoeffer diz que é na participação, no envolvimento, que a pessoa se sente útil e, por consequência, pertencente à igreja. E Bauman afirma que sem pertencimento a pessoa não é. Ela não consegue se apoderar enquanto não pertencer. Ou seja, segundo os dois autores, é na participação efetiva na igreja que a pessoa se torna pertencente e assim assume sua identidade. É na realização de suas incumbências que o membro encontra sua identidade.

3.7.3 Erikson e o sentido de pertencimento da juventude na igreja

Dentro dessa análise, deparamo-nos com uma afirmação de Erikson, segundo a qual todo adolescente possuiu o desejo de se comprometer com algo, mas não fará isso se, de alguma forma, ele puder ser ridicularizado no papel que deverá realizar:

Se a fase mais antiga legou à crise de identidade uma importante necessidade de confiança em si e nos outros, então, claramente, o adolescente procura mais fervorosamente homens e idéias em que possa ter fé, o que também significa homens e idéias em cujo serviço pareça valer a pena provar que seria digno de confiança. Ao mesmo tempo, porém, o adolescente receia um compromisso insensato, excessivamente confiante; e, paradoxalmente, expressará a sua necessidade de fé numa desconfiança sonora e cínica. Se a segunda fase estabeleceu a necessidade de ser definido pelo que se pode *querer* livremente, então o adolescente procura agora uma oportunidade de decidir, com livre assentimento, sobre um dos rumos acessíveis ou inevitáveis de dever e serviço; e, ao mesmo tempo, tem um medo mortal de ser forçado a atividades em que se sentisse exposto ao ridículo ou à dúvida sobre si próprio. Também isso pode levar a um paradoxo, a saber, que preferiria agir despidoradamente aos olhos dos mais velhos, por sua livre escolha, do que ser obrigado a atividades que seriam vergonhosas a seus próprios olhos ou dos seus pares.¹³⁹

Erikson encerra sua fala afirmando que o adolescente prefere agir despidoradamente com os adultos a fazer um papel que lhe faça sentir vergonha, ou seja, ele prefere ter um comportamento totalmente reprovável e sem sentir nenhum tipo de constrangimento do que realizar algo que o ridicularize. Esse ponto apresentado pelo autor mostra que alguns comportamentos considerados “rebeldes” que os adolescentes têm são reflexos de sua defesa para não serem ridicularizados.

É fato que os adolescentes procuram por pessoas e ideias para se comprometerem, mas ao mesmo tempo receiam que tal envolvimento possa lhe causar algum tipo de dependência. E a bússola que ele utiliza para balizar essa

¹³⁹ ERIKSON, Erik H. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 129.

relação é o seu direito de escolha, em que verifica se o seu direito de escolher livremente está preservado. Ao mesmo tempo em que ele deseja ajuda para fazer boas escolhas, espera que suas escolhas sejam respeitadas. De certa forma, podemos dizer que a adolescência é a busca por ser respeitado.

Assim sendo, em um relacionamento entre igreja e o adolescente, duas coisas precisam ser levadas em consideração: a primeira é que o adolescente deseja ter algo em que possa confiar e se comprometer; a segunda, é que ele fará de tudo para não ser exposto ou ridicularizado, ao ponto dele preferir romper um relacionamento a ser aprisionado. A grande questão não está nas orientações ou nas regras, e sim no fato de ele desejar ser respeitado enquanto indivíduo.

Ao entrelaçarmos as ideias dos três autores – Bonhoeffer: ter atribuição; Bauman: sentir-se pertencente; Erikson: ser respeitado em suas escolhas – algo que os três acentuam é que todos desejam ser atuantes no meio em que estão. Logo a passividade não é própria deles, e sim um reflexo do ambiente em que estão. Isso é nítido quando vemos jovens passivos na igreja e ativos fora dela. A questão é que onde a pessoa tiver incumbências a realizar, será onde ela se identificará como pessoa, onde ela se encontrará respeitada e útil pelos seus.

Concluirmos que a base para a construção de uma práxis teológica protagonista, resiliente e identitária é o pertencimento. Percebe-se que um lugar que não permite o adolescente ser protagonista não lhe causará nenhum sentimento de pertencimento; se o ambiente não o acolhe, fazendo-o pertencente a esse lugar, não o favorecerá a elaboração da sua resiliência e identidade.

Não será perda de tempo para a igreja ajudar o adolescente a ser protagonista, resiliente e a ter sua identidade. Na verdade, fazer isso é cumprir com sua parte na missão que Deus está realizando aqui na Terra. Que a nossa práxis teológica nos leve a participar a *missio Dei*, pois, caso contrário, estaremos perdendo tempo em nossa existência com coisas fúteis e irrelevantes para Deus.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final desse trabalho, no qual buscamos entender as nuances na relação igreja e adolescentes. De um lado, conforme as considerações feitas por Erikson, temos o adolescente, um ser em desenvolvimento que busca sua identidade, e, nessa jornada em direção a se conhecer, passa por conflitos que geram total desequilíbrio em sua essência. Tal elucidação nos ajuda a compreender os comportamentos do adolescente com o meio em que vive. Às vezes, aparenta desprezo para com a comunidade, mas na verdade está apenas tentando se proteger.

Do outro lado dessa relação, temos a igreja, uma instituição que embora deva possuir uma essência escatológica, muitas vezes se encontra em meio a situações delicadas e complexas nos aspectos morais e éticos. E essas situações acabam interferindo em sua práxis como corpo do *Archipoimen*. É um desafio real e constante da igreja permanecer sob a supremacia de Cristo, intuímos que somente na sujeição a essa supremacia é que a igreja poderá se relacionar de forma saudável com a humanidade. Além desse pressuposto teológico, a igreja deveria ser também vista como corpo social, humano.

Concluímos que ser adolescente acarreta muitas mudanças. De início, o sentimento que invade a mente desse indivíduo é muito mais de perda do que de ganho. Mudanças na sua fisiologia que envolve sua sexualidade, suas pulsões de vida e de morte, seus desejos e prazeres, e o encontro pessoal com o seu próprio corpo. Além dessas mudanças, surgem as responsabilidades e o desafio de se localizar enquanto pessoa; decidir sua profissão e o seu futuro, norteando-se por sentimentos e sensações que por vezes são desconhecidos

Também verificamos que, por incrível que pareça, a questão do protagonismo, como diz a socióloga Regina Souza, “essa coisa de protagonismo juvenil é coisa de adulto, que deseja que os adolescentes ajudem a resolver problemas”, fazendo isso soar muito mais como cobrança, do que algo bom e legítimo. Assim sendo, poderíamos concluir que o protagonismo juvenil é algo ruim e perverso? De forma alguma. Protagonismo juvenil é algo bom e agradável, mas que

só será benéfico e saudável se o adolescente tiver o tempo necessário para se desenvolver.

Protagonismo gera confiança e ajuda a desenvolver a resiliência e também conduz a descoberta da identidade. O protagonismo está intrinsecamente ligado tanto à resiliência quanto à identidade. Uma identidade sem protagonismo será uma identidade reprimida e desprovida de propósito. Uma resiliência sem protagonismo significa apenas estar vivo, e não que esse indivíduo está vivendo.

Ficou evidente que a forma como a fé pode ajudar e interagir com o protagonismo, resiliência e identidade é fenomenal. A fé se apresenta como uma excelente ferramenta de apoio e alicerce para aquele que deseja ajuda. Um adolescente que consegue exercitar sua fé e espiritualidade terá um grande auxílio no desenvolvimento desses três aspectos.

Quando nos deparamos com o total descaso e desprezo que a eclesiologia sofreu por muito tempo dentro da teologia e as consequências que esse descaso trouxe para a relação da igreja com seus fiéis, percebemos que os líderes não deram a atenção devida para a sociedade que os cercava e muito menos aos membros de estavam dentro sua comunidade.

Percebemos também que a igreja não é de natureza institucional, mas sim espiritual, cuja função está muito mais ligada a ser corpo do que ser uma instituição. Não reputamos por mal que a igreja, enquanto organização civil, seja uma instituição constituída; o problema não está nisso. A dificuldade se instala quando, por questões institucionais, ela abandona sua característica essencialmente espiritual.

Entendemos que o princípio do *archipoimen*, segundo o qual Cristo é a origem de todo o cuidado, e a igreja como corpo dEle, deva executar esse cuidado. O corpo executa o que a cabeça manda. E é isso que se espera da igreja que está debaixo da supremacia de Cristo.

Quando observamos o pensamento de Lutero sobre igreja, lugar em que a Palavra de Deus é confessada, ensinada, pregada e praticada, temos que repensar algumas práticas e ações da igreja. De forma categórica, não cabe à igreja uma práxis que não seja alicerçada no *archipoimen*: sua prática precisa refletir Cristo. Tem que ser um ato constante de amor e cuidado.

O poder transformador que a igreja carrega em si é sem comparação. A esperança e a novidade de vida que ela pode oferecer àqueles que estão sem sentido na vida, ou que desejam ter uma comunidade que lhe traga sentido e propósito de vida é incomum.

É no anunciar da Palavra que a verdade liberta o ser humano para ser protagonista da sua vida. É conhecer essa verdade que liberta o ser humano no mais íntimo do seu ser. É onde a humanidade pode se reencontrar enquanto humanidade. É nessa verdade que o indivíduo pode perdoar e se libertar da culpa que atormenta sua alma e recomeçar sua vida.

Nessa verdade, o adolescente consegue se olhar como aquele que pode conduzir sua vida de forma diferente dos problemas familiares ou sociais que lhe cercam diariamente e construir sua vida. Quando a igreja anuncia que cada ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, o adolescente consegue se ver para além das aparências, e descobre sua identidade com o divino. Em um mundo com tantos conflitos entre etnias, é importante que a igreja nos lembre que todos fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Todas essas etnias são reflexo do divino no mundo.

Ao chegarmos ao final dessa pesquisa, notamos que a práxis teológica tem suas responsabilidades no atual cenário eclesial, influenciando a relação da igreja com os adolescentes. Percorremos no afim de encontrar uma práxis teológica que possibilite um melhor relacionamento entre eles.

No decorrer da pesquisa, averiguamos que o caminho para uma práxis teológica que gere aproximação, protagonismo, resiliência e identidade é a Teologia Prática. Teologia Prática enquanto modelo hermenêutico para todo tipo de análise teológica que a igreja precise fazer diariamente. Essa hermenêutica convida a teologia e a própria igreja a sair das quatro paredes e se envolver de forma mais plena nas soluções dos problemas internos e externos que lhe são apresentados cotidianamente. Fazendo-a agir em favor da *missio Dei*.

Quando a igreja se engaja na *missio Dei*, em ser participante na missão de Deus na Terra, ela possibilita que toda a comunidade se envolva nessa missão com seus dons e talentos, proporcionando o ambiente necessário para o exercício do protagonismo e do sentimento de pertencimento que esse envolvimento gera.

Observando os subsídios para uma práxis teológica protagonista, resiliente e identitária, a igreja conseguirá esse engajamento.

Não há como negligenciar uma práxis teológica que contemple a autoestima, o pensamento crítico, o projeto de vida, o protagonismo juvenil, o senso de humor, a criatividade e a busca de sentido. Nossa teologia precisa gerar autoestima nos adolescentes. Não se trata de uma teologia de autoajuda, mas sim uma teologia que ajude o adolescente a descobrir a realidade sobre si mesmo, tirando o pesado fardo de suprir todas as expectativas que são colocadas sobre ele.

Uma teologia que aceite o contraditório e dê condições de crescimento e maturidade para os adolescentes e que, certamente, busque dialogar com o ser pensante que está no processo de adolecer, contemplando um projeto de vida para os adolescentes, entendendo a necessidade de ajudá-lo a encontrar sua vocação, sua atuação profissional. Faz-se necessário considerar a individualidade desse sujeito que precisará se sustentar e gerenciar sua própria vida socioeconômica.

Uma teologia em que a igreja não tenha medo de ser coadjuvante e empodere o adolescente para que este tenha o protagonismo da sua vida. Uma teologia com senso de humor, que saiba transmitir seus ensinamentos com alegria, que permita o riso e a comédia, sem perder seus valores e princípios, ajudando o adolescente a rir de seus próprios erros e fracassos, mas sem ridicularizá-lo ou menosprezá-lo por esses erros e fracassos.

Uma teologia que aceite a criatividade, típica dos adolescentes, na *missio Dei*, que na verdade incentive essa criatividade, apenas norteando-os naquilo que for necessário. Uma teologia que caminhe com o adolescente em busca de sentido, ajudando a compreender seus vazios e como os preencher. A igreja precisa ter uma práxis teológica que pegue na mão do adolescente em seus momentos de vazios e solidões, momentos esses de abandono e frustração. Uma teologia que favoreça ao adolescente a entrar seu propósito de vida, a sua razão de ser.

Essa práxis teológica protagonista, resiliente e identitária aponta para onde seja possível acolher aqueles que desejam entrar. Assim como ela é importante para os refugiados ou imigrantes se sentirem aceitos e acolhidos no país que os recebe para que eles desenvolvam sua identidade, o mesmo ocorre na igreja, quanto os adolescentes são acolhidos e aceitos em suas formas de pensar e agir, com suas

diferenças e semelhanças. Somente assim eles podem desenvolver sua identidade, tornando-se protagonistas de suas vidas.

Nota-se que o protagonismo juvenil só será possível nos espaços em que eles sejam acolhidos e incluídos como pertencente a esse lugar. Torna-se necessário que a igreja compreenda que os adolescentes desejam sim ajudar e contribuir com a Missão de Deus aqui na Terra; o que eles precisam é de uma igreja que acredite em seu potencial e de meios para o desenvolvimento desse potencial.

Findamos esse trabalho com a certeza que há muito a ser pesquisado sobre o tema, mas com o anseio de que essa pesquisa venha a facilitar a compreensão da relação entre a igreja e os adolescentes, apontando um caminho para uma práxis teológica que contemple as necessidades deste relacionamento.

Aspiramos que uma práxis teológica protagonista, resiliente e identitária conduza nossas ações, a fim de que possamos refletir amor e cuidado em nossa jornada como povo de Deus aqui na Terra. Concluimos esse trabalho parafraseando aquele que tem a supremacia na igreja, dizendo: “não impeçais que os adolescentes venham a mim”.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- AGOSTINHO, Santo. *Livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.
- BARBOSA, Iara Suckow. *Adolescente: eu já fui, meu filho é... por que somos tão diferentes?* Curitiba: Encontro, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BERARDINO, Angelo Di (Org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERKHOF, Louis *Teologia sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- BLANK, Renold J. *Ovelha ou Protagonista?: a Igreja e nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Marco legal: saúde: um direito de adolescentes*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v.2. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CALDAS, Carlos. *Fundamentos da teologia da igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- CAMPBELL, Ross. *Como realmente amar seu filho adolescente*. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- CAMPOLINA, Luciana de Oliveira. *Tornar-se adolescente: a participação da escola na construção da transição da infância para a adolescência*. 2007. 189 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- CARSON, D. A. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- DELAROCHE, Patrick. *Psicanálise do adolescente*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- DIAS, Zvínglio Mota. *Discussão sobre a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude*. Curitiba: Champagnat, 2013.

_____. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. Porto Alegre: IPJ, 2004.

ERIKSON, Erik H. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro. Zahar, 1971.

GARCIA, Isadora. Vulnerabilidade e resiliência. *Adolesc. Latinoam.* v. 2, n. 3, p. 128-130, abr. 2001.

GUALBERTO, Marcelo. Juventude evangélica: religiosa no discurso, mas incrédula na prática. BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

HOCH Lothar C. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

_____. *O Ministério dos leigos: genealogia de um atrofiamento. Uma contribuição para o debate atual sobre a formação teológica na IECLB*, 1990.

IBOPE. *Inteligência 2019*. Disponível em:

<<https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/brasileiro-esta-mais-confiante-nas-instituicoes>>. Acesso em: 10 set. 2019.

KUSNETZOFF, Juan C. *Psicoterapia breve na adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LUTERO, Martinho. *Uma coletânea de escritos*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma Introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

MENDONÇA, Rita de Cássia Araújo. *Protagonismo Juvenil: um estudo da participação social dos adolescentes nos Programas de Saúde Sexual e Reprodutiva em Natal/RN*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MOTYER, Alec. *O Antigo Testamento: entenda sua mensagem*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

MUUSS, Rolf E. *Teorias da adolescência*. Belo Horizonte: Do Professor, 1966.

NOVAES, Regina. Juventude e religião: o que há de novo?. *Revista Senso*, 2017. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/2017/10/16/juventude-e-religiao-o-que-ha-de-novo>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

PAULILO, Maria Ângela S.; BELLO, Marília G. D. *Jovens no contexto contemporâneo: vulnerabilidade, risco e violência*. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n2_marilia.htm>. Acesso em: 05 nov. 2009.

ROCCA, Susana M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar C.; ROCCA, Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

_____. *Resiliência, espiritualidade e juventude*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

ROLOFF, Jürgen. *A Igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ROSA, Merval. *Psicologia evolutiva: problemática do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1983.

SANTOS, Rosangela P. *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. São Paulo: Leditora, 2005.

SCHIPANI, Daniel. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCHMIDT, Karl Ludwing. Igreja. In: KITTEL, Gerhard (Ed.). *A Igreja no Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1965.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

SOUZA, Regina M. *O discurso do protagonismo juvenil*. São Paulo: Paulus, 2008.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002.

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In: TAVARES, José (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

TULER, Marcos. *Dicionário de Educação Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

VIEIRA, Carlos L. *Problemas gerais da adolescência*. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

WEBER, Manfred (Org.). *Dietrich Bonhoeffer para jovens: liberdade para viver*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

WESTHELLE, Vitor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

WONDRACEK, Karin H. K. Implicações para as relações de cuidado. In: HOCH, Lothar C.; ROCCA, Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

WONDRACEK, Karin H. K.; HERNÁNDEZ, Carlos J. *Aprendendo a lidar com crises*. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

ZWETSCH, Roberto E. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2011.